



**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia**

**ROBERTO PIVA: O POETA XAMÃ
(um devaneio poético-sociológico por um discípulo da contradição)**

Ian Viana de Souza Rocha

Brasília, setembro de 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais com Habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr Eduardo Dimitrov

Brasília/DF, setembro de 2018

IAN VIANA DE SOUZA ROCHA

ROBERTO PIVA: O POETA XAMÃ

(um devaneio poético-sociológico por um discípulo da contradição)

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais com Habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr Eduardo Dimitrov

BANCA EXAMINADORA

ProfºDrº Eduardo Dimitrov

Profº Drº Luís de Gusmão

Profº Drº Gustavo de Castro

FICHA CATALOGRÁFICA

Rocha, Ian Viana de Souza de

Roberto Piva: O poeta xamã (um devaneio poético-sociológico por um discípulo da contradição). 2018 (SOL-ICS/UNB, Bacharel, Sociologia, 2018).

Monografia. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Sociologia

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ROCHA, Ian Viana de. Roberto Piva: O poeta xamã (um devaneio poético-sociológico por um discípulo da contradição). Monografia. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Sociologia. Brasília - DF. 2018

Dedicado e Inspirado por:

Davi Kopenawa, José Jorge de Carvalho, Letícia da Costa Vianna, Edmundo, Gustavo & Gabriel, Mautner, Arthur Rimbaud, Edison Carneiro, Roberto Piva, Jim Morrison, Hilda Hilst, Júlia Moura, Sérgio Cohn, João das Neves, Rodolfo, Eduardo, Gusmão, Piero Eyben, Oswald de Andrade, Pier Paolo Pasolini, Paulo, Jorge & Dalmir, Leo Fazio, Guilherme & Tim, Nem da Rocinha, Ricardo Marujo, Rosana, Geralda & Cristina, adolescentes infratores, Ginsberg & Kerouac, Breton & Artaud, Clara, Margot, Lucile, Ismael Sanchez, Caboclo Cobra Coral, Zé Pilintra, Exu Tranca Rua, Gilberto Felisberto Vasconcellos e, claro, a Cobra Coral.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
ROBERTO PIVA	16
O XAMANISMO DE ROBERTO PIVA	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53

RESUMO

O poeta é o violador da língua, das leis, dos comportamentos estereotipados. É o grande doente e cheio de saúde ao mesmo tempo, anunciador de tempestades, ladrão de fogo celeste e aliado dos deuses, bandidos, bandido, bruxo, bêbado, drogado pelo 'espírito santo', companheiro de farras do Satã, onipotente, eterno adolescente, macho/fêmea, vidente e grande desequilibrado?

Talvez.

Se sim, socialmente condicionado. Se não, também.

Ou seja:

Quem fez, o quê fez e por quê fez?



“Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.”
(Oswald de Andrade - Manifesto da Poesia Pau Brasil)

“Eu não escrevo pra fazer currículo lattes. Eu escrevo por ser movido por uma coisa que eu não sei o que é, que me leva a escrever. Eu gostaria mesmo é de ficar olhando o olhar da vaca e não escrever nada, mas eu não consigo.”

- Gilberto Felisberto Vasconcellos

1) APRESENTAÇÃO

Considerando a importância de Roberto Piva (1939 - 2010) para a poesia e vida cultural brasileira, são escassas as pesquisas acadêmicas sobre vida e obra do autor, ainda que o próprio escritor tenha passado a vida inteira criticando a Instituição Acadêmica, de forma deliberadamente exagerada:

A universidade é o túmulo da poesia. Eu só fiz curso superior para poder dar aula. Não podia lecionar com dois livros publicados. Lecionei por quinze anos. Tudo o que me deram para ler na universidade ou era sucata ou eu já havia lido. Insisto que as universidades devem ser transformadas numa coisa viva, isso é, num terreiro de candomblé. Com pais-de-santo, ou xamãs, no lugar dos professores, de modo a propiciar aos alunos uma verdadeira iniciação. As universidades precisam de um corpo docente e um corpo indecente (...) (PIVA, 2000).

Como aponta Claudio Willer¹, em seu texto “Uma introdução à leitura de Roberto Piva” (2008), apesar de existir uma quantidade considerável de “torcedores”, poucos optam pelo estudo concreto da poética e das reverberações sociais do “autor com rosto de menino”. Nesse sentido, interpretamos como necessário um aprofundamento sobre a Vida e Obra do poeta que marcou uma geração participando, ao seu modo polêmico, potente e contraditório, de importantes debates nacionais, entre eles:

a) a luta contra a Ditadura Militar Brasileira:

¹ Poeta, ensaísta, crítico e tradutor brasileiro. Foi amigo íntimo de Roberto Piva.

Eu estou sentindo que a população foi lobotomizada, foi arrancada uma parte do cérebro da população e a única forma de repor essa parte do cérebro é através da palavra, da palavra poética, que funda e ao mesmo tempo transforma o real. (Piva em entrevista no documentário “Assombração Urbana”, 2003.);

b) introdução da Contracultura no país, marcada, dentre outras coisas, por pautas como: o rock psicodélico, sexo, drogas, psicanálise, antipsiquiatria, religiões orientais, vegetarianismo, comunidades alternativas, movimento hippie, etc, chamada de forma pejorativa, de “Desbunde”, por boa parte da esquerda-militante da época:

Nos anos 60 quando eu falava de Ecologia, a resposta das pessoas que se amontoavam em bandos à direita & à esquerda, era sempre uma profissão de fé na própria mediocridade. “Com tanta gente passando fome, esse cara vem falar de natureza.”. Como se a vida do cretino não dependesse exatamente do equilíbrio ecológico. Os trabalhadores têm a CUT, a CGT. A onça pintada não tem sindicato. Os rios não têm sindicato. O mar não tem sindicato.(PIVA. Estranhos sinais de saturno. 2008);

c) participação na formação de considerável quantidade de intelectuais brasileiros direta, ou indiretamente:

Piva sempre soube ouvir e conversar. Sentava, perguntava nossas inquietudes, o que fazia jovens como nós mergulhar na poesia, uma força motriz era essa que perpassava o tempo e se renova a cada geração. Lia nossos poemas, discutia, criticava, ainda mais quando, ingenuamente, tentávamos imitar a voz dele. Dizia que era impossível a mesma dicção em gerações e personalidades tão diferentes, e que precisávamos nos informar para encontrarmos uma voz que fosse, por assim dizer, autêntica. (Sérgio Cohn, poeta e editor brasileiro, relatando suas experiências intelectuais com Piva durante sua juventude. Revista Folha. 1995);

d) A introdução de importantíssimas obras estrangeiras, como foi o caso da Geração Beat norte-americana. Quando jovem, pedia as novidades literárias para uma tia que morava nos Estados Unidos e, após ler, indicava e

repassava os livros para os amigos que, por sua vez, passavam adiante. É o que garante Claudio Willer no documentário “Uma outra cidade” (2001)

Além disso, Piva foi um dos pioneiros da temática homoafetiva em nossa literatura, como é o caso desse poema, encontrado no livro “Paranoia”, em 1963:

Visão de São Paulo à Noite
Poema Antropófago sob Narcótico

Na esquina da rua São Luís uma procissão de mil pessoas
acende velas no meu crânio
há místicos falando bobagens ao coração das viúvas
e um silêncio de estrela partindo em vagão de luxo
fogo azul de gim e tapete colorindo a noite, amantes
chupando-se como raízes

Maldoror em taças de maré alta
na rua São Luís o meu coração mastiga um trecho da minha vida
a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com sua
gíria

feroz na plena alegria das praças, meninas esfarrapadas
definitivamente fantásticas
há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu amigo
a lua não se apoia em nada
eu não me apoio em nada

sou ponte de granito sobre rodas de garagens subalternas
teorias simples fervem minha mente enlouquecida
há bancos verdes aplicados no corpo das praças
há um sino que não toca
há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios
reino-vertigem glorificado
espectros vibrando espasmos

beijos ecoando numa abóbada de reflexos
torneiras tossindo, locomotivas uivando, adolescentes roucos
enlouquecidos na primeira infância

os malandros jogam ioiô na porta do Abismo
eu vejo Brahma sentado em flor de lótus
Cristo roubando a caixa dos milagres
Chet Baker ganindo na vitrola

eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas
partidas do meu cérebro
eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopes
vitrinas homens mulheres pederastas e crianças cruzam-se e
abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua medrosos

repuxos

colisão na ponte cego dormindo na vitrina do horror
disparo-me como uma tómbola
a cabeça afundando-me na garganta

chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo flutuo-me
nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um tesouro
afundado

quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopeias libertas
ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelinhos de
vergonha,

correrias de maconha em piqueniques flutuantes
vespas passeando em voltas das minhas ânsias
meninos abandonados nus nas esquinas
angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos
entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto
e o Estrondo

(Paranoia, Instituto Moreira Salles, 3ª ed., 2009, SP)

Para a época, um verso como “há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios” é, em seu caráter inovatório, extremamente perigoso. Ainda que não existissem leis anti-homossexuais no país, era frequente, como apontado por João Silvério Trevisan, periódicas batidas e humilhações em locais públicos, realizadas pela polícia:

Criam-se razões indiretas (“ultraje ao pudor” ou “vadiagem”) para deflagrar uma repressão que se deve ao autoritarismo básico da organização social brasileira e a um dos seus mais genuínos reflexos: o machismo (TREVISAN. 1986, p.31)

Percebe-se também nesse poema, uma poética marcada pela caminhada que, como veremos ao desenvolver do tópico sobre o xamanismo de Roberto Piva, é característica fundamental tanto de sua poesia quanto de sua prática xamânica. Por uma caminhada noturna em São Paulo, especificamente na rua São Luís, Piva vê “uma procissão de mil pessoas” acendendo velas em seu crânio, místicos, viúvas, amantes... Tudo isso sob um olhar que é ao mesmo tempo fúnebre, mágico e lotado de tesão. Ao citar “Maldoror”, Piva faz referência aos “Cantos de Maldoror” uma obra de poesia em prosa, considerada uma das obras seminais da literatura fantástica, escrita entre 1868 e 1869 pelo Conde de Lautréamont (pseudônimo de Isidore Ducasse), poeta francês de origem uruguaia..

A transfiguração de imagens convencionais como uma simples rua (que abarca procissões fantásticas), chaminés (que crescem) , engraxates (que tornam-se anjos), torneiras (que tosem), locomotivas (que uivam), etc, mostram aquilo que, com o passar dos anos, ganha cada vez mais força na poesia de Piva: seu potencial alucinatório, capaz de subverter a realidade em imagens fantásticas.

A não preocupação por parte do poeta com a utilização de palavras de “baixo-calão”, também é perceptível nesse poema. Para além de ser uma provocação à sociedade considerada demasiadamente conservadora por parte do escritor², é a demonstração de que para ele, assim como para Ginsberg³ (poeta que

² São Paulo, cidade minha, até quando serás o convento do Brasil?/Até teus comunistas são mais puritanos do que padres./Pardos burocratas de São Paulo, vamos fugir para as praias?/Ó cidade das sempiternas mesmices, quando te racharás ao meio?/Quero cuspir no olho do teu Governador e queimar os troncos medrosos da floresta humana.(2004)

³Tudo é santo! todos são santos! todo lugar é santo! todo dia é eternidade! todo mundo é um anjo!/O vagabundo é tão santo quanto o serafim!/ o louco é tão santo quanto você/ minha alma é santa!/A máquina de escrever é santa o poema é santo a voz é santa os ouvintes são/ santos o êxtase é santo!/Santo Peter santo Allen santo Solomon santo Lucien santo Kerouac santo

lia e constantemente fazia referências), tudo é sagrado. “Putos”, “cus”, “pederastas”, “crianças”, “maconha”, “piqueniques”, etc. Tudo faz parte de um mesmo Todo ao qual o poeta está imerso, capaz de abarcar com a mesma intensidade a “solidão”, o “sangue”, “colisões”, “partos” e “estrondos”.

Após variados percursos em sua vida, os sete livros publicados, a participação em cinco antologias, as experimentações psicodélicas, religiosas, eróticas e espirituais, a organização de grandes eventos de rock, as viagens para regiões litorâneas, polêmicas com os pares de sua geração⁴, Piva inicia a condensar sua produção poética.

Nos anos 60 foi marcante a aventura surrealista⁵ por parte do poeta que, mesmo não filiando-se à escola de André Breton⁶, abraçou os princípios da valorização do inconsciente em sua produção. Houve um “boom” de poetas brasileiros identificados com o surrealismo. Nos anos 70, em contato com contracultura brasileira e suas repercussões, chegou a ser aproximado da dita Poesia Marginal⁷, graças aos contornos políticos de sua produção nesse período. Os

Huncke/ santo Burroughs santo Cassady santos os mendigos desconhecidos sofredores efodidos santos os horrendos anjos humanos!(GINSBERG. Holy. Trad. Cláudio Willer (<http://www.lpm-blog.com.br/?p=14896>))

⁴ Em uma festa da UBE (União Brasileira dos Escritores), por exemplo, quando Fernando Henrique Cardoso ganhou o prêmio “Intelectual do Ano”, Piva que abominava suas ligações com grupos marxistas, completamente bêbado berrou, segundo depoimento de João Silvério Trevisan: “Se o Fernando Henrique é o intelectual do ano, eu sou o intelectual do ânus”. (in. Valesca Canabarro. Assombração Urbana com Roberto Piva. Documentário em DVD. São Paulo: Produção de Cultura Marcas/ DocTV, 2004.)

⁵

⁶ Escritor francês, poeta e teórico do surrealismo

⁷ Movimento surgido na década de setenta, durante um período de forte repressão e censura imposta pela Ditadura Militar. Também conhecido como Geração Mimeógrafo, foi marcado pelo inconformismo com a considerada “cultura oficial”, alterando o comportamento do poeta face à sociedade.

movimentos Gay (do qual sempre teceu várias críticas⁸) e o Ecológico buscavam cada vez mais a Piva. Nos anos 80 a poética de Piva expande suas temáticas e recepções. Nessa época é publicado na antologia poética da editora L&PM e nas revistas Chiclete com Banana e Cerdos & Peces. Em meados dos anos 90 Piva passa a influenciar uma nova geração de poetas e é justamente nesse momento que passa a consolidar no que definiremos aqui, seguido a linha apresentada por críticos literários como Ademir Assunção⁹, Alcir Pécora¹⁰, Davi Arrigucci Jr¹¹, e Claudio Willer, enquanto a “fase xamânica” de sua literatura.

Conforme anuncia Alcir Pécora:

Todos os poemas de Roberto Piva, posteriores aos anos 80, estão centrados num veio da poesia contemporânea que se tem chamado de “etnopoesia” ou de “poesia étnica” (na formulação, por exemplo, de Jerome Rothenberg, citado por Piva ou ainda de poesia “xamânica”, como o próprio Piva parece preferir nomeá-la. (PÉCORA, 2007, p. 8)

Não é que a vertente xamânica de Piva tenha se iniciado essa época. Pelo contrário, mostraremos na sessão seguinte que o “xamanismo”, e seus desdobramentos esotéricos e, ou iniciáticos sempre fizeram parte da vida do poeta, desde a infância. A questão aqui é que nessa fase há um condensamento de tal expressão. Trata-se, ainda segundo Pécora de “(...) uma poesia exaltada, vitalista, mágica, que não teme misturar os ingredientes mais indigestos e incongruentes em sua alquimia libidinosa e excessiva (...)” e interpretamos que esse condensamento, esse supra-sumo das expressões poéticas do autor, ancorada às tradições indígenas, aos contatos do poeta com os índios, às suas experiências esotéricas da

⁸ Para Piva, a “invenção do “modelo gay” caracterizou o estilo americano da homossexualidade”, eficiente para formar um mercado consumidor e advogar uma pretensa “liberdade sexual, concedida pelo poder” (Silva, 1998, p. 301)

⁹ Poeta, escritor, jornalista e letrista de música brasileira. Autor de livros de poesia, ficção e jornalismo, venceu o Prêmio Jabuti 2013 com A voz do Ventriloquo

¹⁰ Crítico literário e professor livre-docente de literatura na Unicamp

¹¹ Escritor e crítico literário brasileiro, professor aposentado de teoria da literatura da Universidade de São Paulo.

infância, às suas experimentações na juventude, a seu caminhar pela literatura beatnik¹² e surrealista, bem como pelo Modernismo Brasileiro, objeto trivial para uma qualificada investigação sociológica sobre o poeta.

Sendo assim, busca-se nesse projeto uma análise da “fase xamânica” de Roberto Piva, cujo início se deu em meados dos anos 80 e cristalizou-se, já nos anos 90, no livro “Ciclones” (1997), bem como publicações, entrevistas, manifestos da época de publicação das referentes obras. Ressalta-se a dificuldade em empreitar uma análise objetiva de uma produção marcada justamente pela não-objetividade. Para tal, nos aconselhamos com Antonio Candido (1967) que destaca que

todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar que eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade (CANDIDO. Literatura e Sociedade. 1967 p.13)

e oferece a alternativa a isso:

ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese (Ibidem)

Sendo assim, efetuamos pesquisa bibliográfica, cujo material fora previamente selecionado para a posterior comparação à teoria sociológica relacionada.

2) ROBERTO PIVA

¹² Nas palavras de Claudio Willer, o maior pesquisador brasileiro sobre o assunto: Movimento Literário surgido nos EUA de segunda vanguarda (pós-guerras), representando a busca de alternativas que ultrapassassem a polaridade típica da Guerra Fria, entre stalinismo e macarthismo, a ortodoxia soviética e o reacionarismo burguês. (WILLER, 2009, p. 16-17)

Roberto Piva nasceu em 1937, em São Paulo. Faleceu na mesma cidade, em 2010, vítima de um câncer. Passou sua infância no sítio dos pais, em Analândia (SP). Segundo o poeta, lá se iniciaram suas experiências xamânicas:

Foi lá que eu conheci o mundo. Tinha um empregado que era descendente de negro com índio, mestiço, que me iniciou numa vertente do xamanismo chamada piromancia. Toda noite ele acendia a fogueira perto da casa dele, que ficava no meio do mato, e íamos ver (...) e ele perguntava o que é que a gente via no fogo. Então, a partir dessas imagens, ele fazia análises de uma profundidade que nem o Jung pensou em fazer (PIVA, 2016)

Ao passar a viver na Capital, ainda garoto, a relação com seus pais se torna cada vez mais conflituosa. O cotidiano urbano, os cinemas substituindo as aulas, suas bebedeiras e, principalmente, sua homossexualidade, os afastam da família.

Em 1958, conhece Jorge Mautner, poeta, músico e compositor carioca, com quem funda o Partido Niilista – movimento baseado na posição filosófica associada à crise de valores da modernidade, que questiona e nega a ordem estabelecida, os valores morais e estéticos e a existência de sentidos, finalidades.

De 1959 à 1961 participa do curso sobre a Divina Comédia de Dante Alighieri, ministrado pelo professor Eduardo Bizzarri no Instituto Cultural Ítalo Brasileiro. Esse período é de extrema importância para o poeta. Para ele Dante “era o maior poeta do ocidente” (entrevista ao Interzona¹³) e é nessa época que começa a escrever seu primeiro livro, *Paranóia* (1963). Também participa de grupos de leituras e estudo de, entre outros, Hegel e Heidegger na casa do filósofo Vicente Ferreira da Silva e da poeta Dora Ferreira da Silva, também de extrema importância para o autor que, segundo suas próprias palavras, divide o leitor em dois tipos: “Um que vira uma enciclopédia viva e fica com cara de livro, outro que transforma em

¹³ http://www.interzona.com.br/arquivos/roberto_piva.htm

sangue suas leituras. Nietzsche: “pense com sangue e verás que sangue é espírito” (entrevista ao memorial da américa latina¹⁴).

No ano de 1961 participa da “Antologia dos Novíssimos” editada por Massao Ohno, importante editor de São Paulo, responsável pela publicação e divulgação de vários autores importantes de sua geração (como Hilda Hilst). Na apresentação de sua poesia, escreve:

vocês lerão agora a poesia de um jovem que tem vinte e três anos porque não teve coragem de matar-se aos quinze e por isso arrasta-se pelo mundo sem Deus nem Amo pregando novas vivências contra a sociedade negociante amando jazz, Beethoven, Nietzsche, Dostoievsky, Kierkegaard, Sartre aceitando Marx, Engels, Bakunin, Kropotkin, influenciando-se por Sá-Carneiro, Pessoa, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Drummond, Vinicius recomendado à juventude ser contra os policiamentos interiores e exteriores, achando que o cristianismo deve suicidar-se. (PIVA,1961)

Como quem escreve um suicidário, Piva despede-se ao mesmo tempo que se apresenta. Evidenciando seu desespero enquanto quem escreve, chega a lembrar Jorge Mautner, seu companheiro de Partido Nilista, para quem a escrita serve para não se tornar um serial killer. Essa apresentação expressa vários dos atributos de Piva que vão caracterizar sua obra: a ausência do Deus Cristão e suas religiões dotadas de amos e lacaios, a defesa de modos alternativos de vida (e de escrita) na sociedade urbano-industrial, a admiração pelo jazz que, inclusive, merece especial atenção, já que o poeta certa vez afirmou:

a poesia, junto com o jazz, é o único fenômeno fundamentalmente anarquista. Não falo do anarquismo libertário, mas do anarquismo suicidário. [...] Poesia é sinônimo de rebelião. Ou você já está acostumado a essa riminha safada, a essa poesia sem corpo que se faz agora? (PIVA, 1987)

¹⁴ <http://www.memorial.org.br/cbeal/arte-em-palavras/roberto-piva/entrevista-com-roberto-piva/>

O jazz, expressão da resistência cultural dos negros norte americanos, após trezentos anos, ou mais, de catequização pelas igrejas cristãs, advindo dos “spirituals” e cânticos dos do evangelho dos negros, bem como do blues, ditou o ritmo da poesia beat norte americana. E isso não passou em branco por Roberto Piva. Lawrence Lipton, em seu estudo “Jazz e a Negrificação da Moral Americana” (1965), aponta que, quando usada como meio de interromper através de inibições a força da libido, a música tem efeito de catarse religiosa, Não muito diferente daquela do drama ritual e é justamente essa característica rítmica que Piva tenta embutir em seus poemas:

O jazz é um Exu africano

a pedra vai compreender

na sua frieza

de mendiga

o primeiro grito

da inspiração

címbalo da trepidação

supersônica

palhaço degolado no deserto

A pedra vai compreender

o doutor Sax

& seu improviso de pequenos

cometas que mudam de cor

(PIVA,1995)

Aqui, no início de sua obra, já se faz presente forte característica que o acompanhará até o fim de sua vida: o potencial erudito, marcado por suas várias citações (que acabam tornando-se indicações de leitura), bem como sua rebeldia perante a ordem social estabelecida, refletida aqui na frase “pregando contra a sociedade negociante”, suas referências literárias que, como vimos, pela postura do

autor perante as leituras, tornaram-se também influências no modo de se viver¹⁵ e, ademais, sua ferrenha crítica às todas as religiões, principalmente ao cristianismo (“achando que o cristianismo deve suicidar-se”). Ainda sobre seus posicionamentos sobre o Cristianismo:

O Cristianismo é fadado ao fracasso porque é a religião em que as pessoas saem da igreja e poluem o ar, queimam florestas e destroem tudo, porque é somente dentro da igreja que acontece o “religioso”. É como diria Nietzsche: “Não entrem nas igrejas se quiserem respirar ar puro”. Os deuses estão fora da igreja. “Eu só acredito em um deus que saiba dançar. Eu só acredito em um deus que saiba beber. Dionísio. Baco. Exu Tranca-Rua.(Piva em entrevista durante o filme “Assombração Urbana”, 2003)

Em 1962 publica uma série de manifestos de pungente radicalidade estética e temática, marcados por um sistema de oposições às ordens (no plural) estabelecidas: “Minotauro dos Minutos; “Bules, Bólis e bolas”, “A máquina de matar o tempo” e a “Catedral da desordem”, respectivamente reproduzidos:

Os pontos cardeais dos nossos elementos são: a traição, a não compreensão da utilidade das vidraças, a violência montanha-russa do Totem, o rompimento com os labirintos e nervuras do penico estreito da Lógica, contra o vosso êxtase açucarado, vós como os cães sentis necessidade do infinito, nós o curto-circuito, a escuridão e o choque somos contra a mensagem lírica do Mimo, contra as lantejoulas pelos caracóis, contra a vagina pelo ânus, contra os espectros pelos fantasmas, contra as escadas pelas ferrovias, contra Eliot pelo Marquês de Sade, contra a polenta pelo ragu, nós estamos perfeitamente esquizofrênicos, paranoicamente cientes de que devemos nos afastar da Bandeira das Treze Listas cujos representantes são as bordadeiras de poesia que estão espalhadas por toda a cidade.

(PIVA, 2005, p. 135)

¹⁵ “Existem dois tipos de leitores: um que acumula enciclopedicamente conhecimento na cabeça, e isso não serve para nada. E outro, que transforma aquilo que lê em seu sangue, em vida” (PIVA. Encontros, p. 93)

Nós convidamos todos a se entregarem à dissolução e ao desregramento. A vida não pode sucumbir no torniquete da Consciência. A Vida explode sempre no mais além. Abaixo as Faculdades e que triunfem os maconheiros. É preciso não ter medo de deixar irromper a nossa Alma Fecal. Metodistas, psicólogos, advogados, engenheiros, estudantes, patrões, operários, químicos, cientistas, contra vós deve estar o espírito da juventude. Abaixo a Segurança Pública, quem precisa disso? Somos deliciosamente desorganizados e usualmente nos associamos com a Liberdade.

(PIVA, 2005, p. 137.)

A nossa batalha foi iniciada por Nero e se inspira nas palavras moribundas: “Como são lindos os olhos deste idiota”. Só a desordem nos une. Ceticamente, Barbaramente, Sexualmente. A nossa Catedral está impregnada do grande espetáculo do Desastre. Nós nos manifestamos contra a aurora pelo crepúsculo, contra a lambreta pela motocicleta, contra o licor pela maconha, contra o tênis pelo Box, contra a rádio-patrolha pela Dama das Camélias, contra o futuro pelo presente, contra o poço pela fossa, contra Eliot pelo Marquês de Sade, contra a bomba de gás dos funcionários públicos pelos chicletes dos eunucos e suas concubinas, contra Hegel por Antonin Artaud, contra o violão pela bateria, contra as responsabilidades pelas sensações, contra as trajetórias nos negócios pelas faces pálidas e visões noturnas, contra Mondrian por De Chirico, contra a mecânica pelo Sonho, contra as libélulas pelos caranguejos, contra os ovos cartesianos pelo óleo de Rícino, contra o filho natural pelo bastardo, contra o governo por uma convenção de cozinheiros, contra os arcanjos pelos querubins homossexuais, contra a invasão de borboletas pela invasão de gafanhotos, contra a mente pelo corpo, contra o Jardim Europa pela Praça da República, contra o céu pela terra, contra Virgílio por Catulo, contra a lógica pela Magia, contra as magnólias pelos girassóis, contra o cordeiro pelo lobo, contra o regulamento pela Compulsão, contra os postes pelos luminosos, contra Cristo por Barrabás, contra os professores pelos pajés, contra o meio-dia pela meia-noite, contra a religião pelo sexo, contra Tchaikowsky por Carl Orff, contra tudo por Lautréamont.

(PIVA, 2005, p. 141)

Em 1963 edita “Paranóia”, seu livro, de estreia, pela Massao Ohno Editora. O livro traz fotografias do influente artista plástico Wesley Duke Lee¹⁶.

Em 1964 publica “Piazzas”, seu segundo livro de poemas, na coleção Maldoror, também editada por Massao Ohno. Em 1965, um acontecimento histórico - e pouco conhecido - marca sua biografia: A revista surrealista francesa “La Brèche - Action Surréaliste”, dirigida por André Breton, publica uma nota sobre o livro “Paranóia”:

É o primeiro livro de poesia delirante publicado no Brasil. Piva, cuja formação intelectual é profundamente marcada pela cultura italiana e pela influência dos grandes clássicos da decadência, exhibe uma exuberância de imagens própria aos escritores latinos. Freud e Lautréamont aparecem com grande influência para o autor. Por fim, a mais moderna literatura Beat norte-americana ajuda a transmitir a fascinação dos neons e alucinações pela metrópole metálica evocada pelas fotografias de São Paulo contidas no livro. (BRETON, 1965 p. 126)

Em 1967, opta por sustentar-se lecionando. Para tal, cursou as faculdades de Estudos Sociais na Faculdade Farias Brito e de Sociologia na Escola de Sociologia e Política. Entre 1971 e 1973 organiza shows de rock na cidade de São Paulo. Bandas como o “Made in Brazil”, “Spectral Zoo” e “Glass Stone Games” fortes nomes da cena musical da época foram convidadas. Nessa época chega a ser entrevistado por Ezequiel Neves, (jornalista e produtor musical mentor do famoso conjunto Barão Vermelho), para a Revista Rolling Stone. Em 1976 participa, com autores como Chacal, Charles Peixoto, Bernardo Vilhena, Torquato Neto e Waly Salomão da antologia “26 poetas hoje”, organizada por Heloísa Buarque de

¹⁶ Wesley Duke Lee é pioneiro na incorporação dos temas e da linguagem pop no Brasil. Em 1963, cria o movimento realismo mágico, com Marcia Cecília, Pedro Manuel-Gismondi, Otto Stupakoff e Carlos Felipe Saldanha. O aspecto figurativo do movimento é uma alternativa à academização do abstracionismo no Brasil.

Hollanda. Para além, edita seu terceiro livro: “Abra os olhos e diga AH!”. No ano de 1977 participa do filme “Antes que eu me esqueça”, de Jaime Ferreira. Em 1979 publica “Coxas”, seu quarto livro, pela editora Feira de Poesia.

No ano de 1980 a Editora Kairós publica a segunda edição de “Piazzas”, com capa de Wesley Duke Lee e acrescida de longo ensaio de Claudio Willer, figura importantíssima para o estudo da poética piviana. Em 1981 lança “20 poemas com brócoli”, pela editora Massao Ohno. Em 1983, após lecionar por 13 anos em cursinhos e escolas, opta por parar. Inspirando-se em Ivan Illich, pensador austríaco autor de várias críticas às instituições da sociedade moderna, prega “o direito ao desemprego criador”.

Em 1985 a editora L&PM publica sua “Antologia Poética” com poemas selecionados pelo próprio Piva, contando, inclusive, com novos manifestos: “Manifesto utópico-ecológico em defesa da poesia e do delírio”, “O século XXI me dará razão”, de caráter fortemente premonitório, sendo esse último um marco da poética do autor, por condensar em seus versos muito da visão ideológico-poética de Piva, de caráter fortemente contraditório (constantemente dizia que todo bom poeta é contraditório, a propósito de Maiakovski, poeta soviético. Nesse sentido, também há a célebre frase de Pasolini, poeta e cineasta italiano frequentemente citado por Piva¹⁷¹⁸: “Sou protegido por minhas contradições”¹⁹. Vamos ao manifesto:

¹⁷ Eu, como o Pasolini, não acredito na dialética. O que existe são oposições irreconciliáveis. Acredito naquilo que Freud afirma em O mal-estar na cultura: existe um movimento cada vez mais restritivo, não só da vida sexual, mas da subjetividade de um modo geral.

¹⁸ “(...) Intelectual brasileiro entra em partido político pra lavar chão. Pra ser Devoto. Pasolini entrou em partido político pra criticar, pra esculhambar (...)” (PIVA, 2008, p.183)

¹⁹ PASOLINI, Vie Nuove. 1964

O século XXI me dará razão
(se tudo não explodir antes)

O século XXI me dará razão, por abandonar na linguagem & na ação a civilização cristã oriental & ocidental com sua tecnologia de extermínio & ferro-velho, seus computadores de controle, sua moral, seus poetas babosos, seu câncer que-ninguém-descobre-a-cause, seus foguetes nucleares caralhudos, sua explosão demográfica, seus legumes envenenados, seu sindicato policial do crime, seus ministros gângsteres, seus gângsteres ministros, seus partidos de esquerda fascistas, suas mulheres navios-escola, suas fardas vitoriosas, seus cassetetes eletrônicos, sua gripe espanhola, sua ordem unida, sua epidemia suicida, seus literatos sedentários, seus leões-de-chácara da cultura, seus pró-Cuba, anti-Cuba, seus capachos do PC, seus bidês da direita, seus cérebros de água choca, suas mumunhas sempiternas, suas xícaras de chá, seus manuais de estética, sua aldeia global, seu rebanho-que-saca, suas gaiolas, seus jardinzinhos com vidro fumê, seus sonhos paralíticos de televisão, suas cocotas, seus rios cheios de lata de sardinha, suas preces, suas panquecas recheadas com desgosto, suas últimas esperanças, suas tripas, seu luar de agosto, seus chatos, suas cidades embalsamadas, sua tristeza, seus cretinos sorridentes, sua lepra sua jaula, sua estricnina, seus mares de lama, seus mananciais de desespero.

Roberto Piva
Fevereiro de 1984

Hora Cósmica do Búfalo

Em 1996 a Revista Azougue publica uma antologia de sua poesia, incluindo poemas inéditos. Em 1997, “Ciclones” é publicado pela Nankin Editorial, após 12 anos sem publicações do poeta. Em 1998, Zé Celso Martinez Corrêa, diretor do Teatro Oficina, utiliza o poema “Vertigem” (que analisaremos mais adiante), outro clássico de Piva, do livro Ciclones, em um de seus espetáculos. A cada ano que passa, Piva parece ser cada vez mais resgatado:

Poema vertigem

Eu sou a viagem de ácido
nos barcos da noite
Eu sou o garoto que se masturba
na montanha
Eu sou o tecno pagão
Eu sou Reich, Ferenczi & Jung
Eu sou o Eterno Retorno
Eu sou o espaço cibernético
Eu sou a floresta virgem
das garotas convulsivas
Eu sou o disco-voador tatuado
Eu sou o garoto e a garota
Casa Grande & Senzala
Eu sou a orgia com
o garoto loiro e sua namorada
de vagina colorida
(ele vestia a calcinha dela
& dançava feito Shiva
no meu corpo)
Eu sou o nômade do Orgônio
Eu sou a Ilha de Veludo
Eu sou a Invenção de Orfeu
Eu sou os olhos pescadores
Eu sou o Tambor do Xamã
(& o Xamã coberto
de peles e andrógino)
Eu sou o beijo de Urânio
de Al Capone
Eu sou uma metralhadora em
estado de graça
Eu sou a pomba-gira do Absoluto.

O ano 2000, ironicamente – ou profeticamente, se relembarmos o poema
“O século XXI me dará razão – é de extrema importância para o resgate da poesia

de Piva: o Instituto Moreira Salles publica a reedição de “Paranóia”. Para além, o poeta participa do documentário “Uma outra cidade”, do diretor Ugo Georgetti, junto a Rodrigo de Haro, Antônio de Franceschi, Claudio Willer e Jorge Mautner. O documentário resgata, por meio de entrevistas, momentos marcantes da vida de tais autores pelo cotidiano dos anos 60 em São Paulo, retratando como suas vidas e obras foram refletidas na cidade. Em 2001 Piva tem poemas incluídos em duas antologias de grande circulação no mercado editorial: “Os cem melhores poemas brasileiros do século” (Editora Objetiva). Em 2004 é produzido o documentário “Assombração Urbana”, pela diretora Valesca Canabarro Dias, sobre sua vida e obra. Em 2005, outro marco importante para a divulgação do poeta: a editora Globo publica o primeiro livro de suas obras reunidas: “Um estrangeiro na legião”. Em 2006 é publicado o segundo da série: “Mala na mão & asas pretas”. Em 2008, é publicado o último da série: “Estranhos sinais de saturno”. Nesse período, Piva, já bastante debilitado pelo Mal de Parkinson, sai pouco de seu apartamento no centro de São Paulo. Frustrado, o poeta “na cidade e não da cidade”, como costumava exclamar, passa boa parte dos seus dias lendo e recebendo jovens interessados em sua obra e indicações. Um desses jovens foi Sergio Cohn, escritor fundador da influente Editora Azougue. Em matéria para a Folha de São Paulo (1996), apontou:

“(...) Piva recitava ou fazia traduções orais de poemas de surrealistas como René Crevel, Jean-Pierre Duprey e Paul Éluard, expressionistas como Gottfried Benn e Georg Trakl ou italianos como Dino Campana. Ou passava horas nos explicando a complexidade da “Invenção de Orfeu” de Jorge de Lima. Ou lia (algumas vezes em tradução simultânea) textos de Octavio Paz, Mircea Eliade e Pier Paolo Pasolini (...).”

Piva já não era o poeta jovem, de “Paranoia”, influenciado pela geração beatnik. Nesses quase 40 anos, muito se passou (em Piva e na cidade habitada por ele). O poeta mergulhou de cabeça nos estudos dos povos “primitivos” e nas experiências com plantas alucinógenas, deslocou seus interesses para o conhecimento ancestral dos povos da floresta e passou a buscar na antropofagia de Oswald de Andrade saídas para seu desespero interior. É justamente essa última fase do poeta, o principal foco de nossas investigações.

3) O XAMANISMO DE ROBERTO PIVA

3.1) O QUE É O XAMÃ? E O XAMANISMO?

Após as primeiras viagens das missões europeias, por volta do século XIX, os antropólogos iniciaram estudos sobre as práticas dos curandeiros primitivos, chamados de “xamãs”, sob uma outra perspectiva. Considerada, até o momento, uma prática religiosa primitiva (de forma pejorativa) e constantemente associada ao “demoníaco” do prisma religioso cristão, aos poucos o xamanismo foi sendo exposto não somente como crença, mas também como uma prática religiosa de raízes profundas, capaz de dizer muito sobre a própria sociedade ocidental moderna.

O xamanismo é, sobretudo, uma experiência religiosa. No entanto, trata-se de um tipo de religião a qual a sociedade ocidental não se compreende, visto que essa se acostumou a considerar a prática religiosa como uma comunhão de fé (aquilo que se presencia em uma missa católica, por exemplo) e não uma experiência sensorial. O xamã, que é também mago, curandeiro e poeta, desperta para a sua jornada rumo ao conhecimento e à cura por meio de uma crise. Nas palavras de Mircea Eliade, sempre referendado por Piva²⁰, o xamanismo é a técnica arcaica do êxtase.

Etimologicamente, “xamã” é derivado do termo “saman” tungúsico²¹, referindo-se àquele que pratica o xamanismo, fenômeno que inicialmente foi descrito por antigos viajantes como proveniente da Sibéria e Ásia Central e só no século XIX, como apontamos anteriormente, passa a ser conhecido como prática ocorrente na América, África, Oceania, ou seja, em todos os lugares onde viviam as ditas sociedades primitivas.

²⁰ A relação entre Piva e a obra de Mircea Eliade será melhor destrinchada ao longo do capítulo.

²¹ As línguas tungúsicas (também chamadas de Manchu-Tungus) formam um grupo de línguas faladas no leste da Sibéria e em partes da China (Manchúria) e Mongólia.

O termo em si, foi usualmente aplicado a sacerdotes ou feiticeiros siberianos. A grosso modo, “xamã”, em qualquer sociedade humana que apresente formas de ritualismo mágico-religioso é o indivíduo “escolhido” pela comunidade para a função sacerdotal, aquele a quem se atribui o dom de invocar, controlar ou incorporar espíritos, capazes de trabalhar com as forças de exorcismo, adivinhação, cura ou magia. Para Joan Halifax²², o xamã é

uma figura mística, sacerdotal e política emergindo durante o período paleolítico superior e, quem sabe, retrocedendo aos tempos de Neandertal, pode ser descrito não apenas como um especialista da alma humana, como também como um generalista cujas funções sacra e social cobrem uma gama extraordinária de atividades. Os xamãs são curandeiros, videntes e visionários que dominaram a morte. (HALIFAX, Shamanic Voices. 1979, p.3)

Se seguirmos a linha bibliográfica de Piva, bem como suas declarações sobre o tema, o “Xamanismo” se evidencia como a prática exercida pelo xamã. Mircea Eliade²³ (1951), registrou as características dos ditos xamãs em povos e sociedades de diferentes lugares e períodos. Claudio Willer destaca que Eliade estudou:

iniciações com viagens aos céus e ao centro da terra, subidas e descidas ao longo de um eixo do mundo; experiências de morte e renascimento, destruição e reconstituição do corpo; utilização de substâncias psicoativas; o ocasional travestimento ou transexualidade; as provas de aquisição de poderes como profetizar, curar, deslocar-se (...) a expressão através de outra linguagem –origem da poesia – possibilitando a comunicação com espíritos, animais, a natureza (WILLER, 2008. p.2)

É por aqui que podemos iniciar a análise do xamanismo para Roberto Piva.

²² Antropóloga e professora zen-budista norte-americana especializada em Budismo e Espiritualidade.

²³ Historiador de grande contribuição nos estudos da Mitologia e da Religião, tendo elaborado uma visão comparada das religiões, mostrando relações de proximidade entre diferentes culturas e momentos históricos.

3.2) PIVA E SEU XAMANISMO

Piva não vinculou-se a nenhuma “seita”, “religião”, “movimento organizado” de cunho xamânico. Fugia, ou dizia fugir, para além de toda sociedade, sob um ponto de vista geral como, no plano específico, de qualquer forma de espiritualidade organizada: “minha obra tem que ser vista como um plano de fuga desta civilização (...)”(PIVA, 2003. p.1). Parecia praticar seu próprio xamanismo adotando princípios de várias religiosidades, como do candomblé, do catimbó e dos cultos pagãos. Em 2007, em entrevista à Danilo Monteiro, Pedro Cesarino e Sergio Cohn, quando perguntado se nunca havia abraçado nenhuma religião, responde:

Não, porque o meu relacionamento é com o xamanismo, que é uma religião de poesia, não de teologia. De certa forma o candomblé é uma religião organizada. E o xamanismo você pode realizar em qualquer parte! Dentro de um trem, dentro de um ônibus. Você tem uma relação não-organizada com o sagrado. (PIVA, 2007, p.167).

Na capítulo anterior, destacamos uma certa postura de liderança, ou melhor dizendo, de referência, da parte de Piva perante os conhecimentos xamânicos. É recorrente em seus textos, poemas e entrevistas a sua posição enquanto o próprio xamã. Vejamos um fragmento onde Piva se compara a Dante, o poeta italiano:

Poesia = Xamanismo = técnicas arcaicas do êxtase

Xamã: sacerdote-poeta inspirado que, em transe extático, percorre o inframundo, florestas, mares, montanhas e sobe aos céus em “viagens”. Dante foi um xamã cabalista que conheceu, em sua viagem pelos três mundos, os orixás travessos da sombra. Deixe a visão chegar. É a hora da despedida dos deuses do deserto & da chegada dos deuses da vegetação. Minha poesia é magmática, de magma: como Dante, sou exilado em minha própria pátria. Como Dante, sou monarquista e reacionário. Como diria Pasolini, sou uma força arcaica, um bárbaro. & não sou um homem normal,

isto é, um racista, um colonialista. Ecologia da linguagem: os poetas brasileiros têm que deixar de ser broxas para serem bruxos. Estados alterados da consciência. Há quem disseca os versos, mas não atinge o êxtase (PIVA, 1997)

E é por essa comparação, ou associação que o autor exerce sua “liderança”. Fala como se recrutasse pelo convencimento, os poetas brasileiros a uma outra forma de poesia. À sua forma de poesia: “os poetas brasileiros têm que deixar de ser broxas para serem bruxos”, (PIVA, 1997). Fica claro nessa passagem que, para Piva, o xamã é mais que um sacerdote. É um poeta. Marcel de Lima Santos²⁴ aponta que é recorrente por várias tribos do mundo o xamã como o indivíduo que vive separado de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, possui múltiplas funções na mesma:

ele (o xamã) não é apenas o elo entre o âmbito natural e o espiritual, mas também curandeiro, artista, dançarino e poeta. Como poeta, o xamã conta histórias tradicionais além do tempo e do espaço, isto é, narrativas míticas. (SANTOS. Jim Morrison o poeta-xamã. 2013, p.21)

Tendo isso em vista, resgatemos os primeiros contatos de Piva com o Xamanismo:

(...) Eu sempre pratiquei e pesquisei o xamanismo, desde os 12 anos. Meu pai tinha fazenda em Analândia, perto de Rio Claro. Tinha um empregado mestiço de índio com negro, o Irineu. Ele me fazia ficar olhando para o fogo. E me iniciou na piromancia; as imagens e os espectros que saem do fogo (...). (PIVA, 2004)

É perceptível que Piva “funda” seu próprio Xamanismo, ou melhor dizendo, o embrião do que seria a sua prática xamânica. A partir das imagens que via no fogo

²⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura Inglesa, Religião, Literatura Comparada, Etnopoética, Etnografia e Poesia.

junto com o caseiro da fazenda, constituía correspondentes e signos mágicos. Segundo o poeta, é por volta de 1961 que desenvolve melhor sua interpretação do que seriam os pilares da sua interpretação xamânica:

(...) Mais tarde tive contato com o grupo do Vicente Ferreira da Silva²⁵ e passei a ler os livros do Mircea Eliade. Em 1961 encontrei o “Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase”. Pelo Eliade entendi que aquilo é universal, está presente no inconsciente de todas as culturas. Nos índios brasileiros e nos xamãs siberianos, na Europa, na América Latina, na América Central, no México, nas tribos pele-vermelhas americanas (...) (PIVA, 2004)

Piva, busca aproximar sua poesia do comportamento dos “xamãs primitivos”. Para isso, cria associações com os autores que o instigavam, como nos seguintes fragmentos:

(...) Artaud afirmava que a poesia é um exercício muscular. Jack Kerouac falava que os músculos contém a essência. A poesia é anterior à palavra (...). (1987)

(...) Poesia xamânica é a poesia do inconsciente coletivo. Na definição de Octávio Paz, poesia é perversão do corpo. Aliás, é uma das belas definições de poesia. A outra é a de André Breton: poesia é a mais fascinante orgia ao alcance do homem. Para mim, a poesia é sempre xamânica, e o poeta é sempre um xamã. Artaud aproxima a poesia da Feitiçaria. Kerouac dizia que os músculos contém a essência, então, pra que escrever? (...).(PIVA,1987).

A indagação “pra que escrever?”, é uma boa chave interpretativa para a condensação dos poemas em seu último livro, “Ciclones”, quando comparados a todos os outros. Observe:

²⁵ Filósofo brasileiro que, nos anos 60, reunia jovens promissores em sua casa para debates.

(Paranóia, 1963);

eu sou o jet-set do amor maldito

DENTRO DA NOITE & SUAS CÓLICAS ILUMINADAS

os papagaios da morte com Aristóteles na proa do trovão

DISPOSIÇÃO DE IR A DERIVA NOS DADOS DO AMOR

espinafre pela manhã & queijo em pasta

almas-esportivas com flores entre os dentes

minha laranja se abrindo como uma porta

TUA VOZ É ETERNA eu vejo a mão cinzenta rasgar

a parede do mundo

ESTAMOS DEFINITIVAMENTE NA VIDA

(Abra o olhos e diga ah!, 1975);

Piazza I

Uma tarde

é suficiente para ficar louco

ou ir ao Museu ver Bosch

uma tarde de inverno

sobre um grave pátio

onde garòfani milk-shake & Claude

obcecado com anjos

ou vastos motores que giram com

uma graça seráfica

tocar o banjo da Lembrança

sem o Amor encontrado provado sonhado

& longos viveiros municipais

sem procurar compreender

imaginar

a medula sem olhos

ou pássaros virgens
aconteceu que eu revi
a simples torre mortal do Sonho
não com dedos reais & cilíndricos
Du Barry Byron Marquesa de Santos
Swift Jarry com barulho
de sinos nas minhas noites de bárbaro
os carros de fogo
os trapézios de mercúrio
suas mãos escrevendo & pescando
ninfas escatológicas
pequenos canhoes do sangue & os grandes olhos abertos
para algum milagre da Sorte

(piazzas, 1964)

Como é perceptível na estrutura dos poemas, em “Ciclones”, Piva, apesar de estar mais velho e, conseqüentemente, ter mais a dizer, opta por um modelo de poemas mais concisos. Não se trata de uma coincidência. Os poemas destacados são exemplos de uma constante que se mantém ao comparar os poemas de seus sete livros. É inviável neste estudo a transposição de todos os poemas de todos os livros para comparação, mas é possível, a título de referenciamento, utilizar da própria fala de Piva sobre todos os seus livros em entrevistas à Carlos Von Schimidt e à Miguel de Almeida. Posteriormente, nos dedicaremos à análise de alguns poemas específicos de sua fase xamânica. Observe:

Sobre Paranóia (1963)

(...) É toda minha vivência urbana, sexual, mística, anárquica, de São Paulo, da cidade em que vivo. A partir daí, toda aquela intertextualidade com poetas brasileiros ou não: Dante, a beat generation, os surrealistas, os dadaístas, os futuristas italianos que, de certa forma, também poetizaram o espaço urbano. Há essa relação mágica com determinados lugares sagrados da cidade. “(...) é um espaço sagrado, onde você pode inclusive passar para outra dimensão, outra realidade. Aquilo que Lautrémont

chamaria de “a membrana verde do espaço.” Quando se atravessa essa membrana, a gente pode se localizar em uma situação completamente absurda. E isso tudo está presente nesse livro Paranóia. São minhas experiências de amor, de loucura, de drogas (...).

Sobre Piazzas (1964)

(...) É um livro de estilo completamente diferente de Paranóia. Piazzas foi escrito em escadas, naquela coisa de Maiakóvski e Pierre Reverdy. No Paranóia uso versos longos, despojados. Piazzas foi resultado de um amor dilacerado que tive por um garoto. Por injunções de família, naquele tempo a família se metia muito nisso (...).

Sobre “Abra os olhos e diga Ah!” (1975)

(...) Eu geralmente escrevo quando estou apaixonado. Namoro, transa, é uma coisa. Paixão é mais forte... (...) Tive transas eróticas, aí veio a paixão e surgiu “Abra os olhos e diga Ah!”, um livro que fiz apaixonado. Eu não consigo escrever quando não estou muito motivado, porque aí a coisa fica muito vazia (...).

Sobre “Coxas” (1979)

Esse livro então... é um livro rapsódico, é um livro de um embalo de toda uma experiência catastrófica, de todo um processo de mutilação da cultura... que se viu durante esses anos de governo de direita. Que não é muito diferente de um governo de esquerda. A diferença é que a direita não fuzila em massa. Veja quantas pessoas estão em campos de concentração

no Paraguai e quantas em campos de concentração em Cuba. Tem até um presídio em Cuba chamado Liberdade. Puro Orwell. Então o Coxas foi essa viagem no absurdo da América Latina. O absurdo que estava se vivendo naquele momento em toda América Latina, toda aquela repressão de esquerda, de direita, de centro, de TFP, de Hare Krishna. Toda essa tentativa de normatividade, de transformar as pessoas em “normais”, foi transportada para Coxas em forma de delírio. É um livro não tanto de poesia mas de delírio que surgiu em parte através do livro A América e as civilizações, de Darcy Ribeiro. Essa obra do Darcy também é delirante em certos trechos, quando o superego marxista dele permite (...).

Sobre “20 poemas com brócoli” (1981)

(...) Esse é, depois de Piazzas, meu livro mais bem acabado. Ele foi vivenciado durante 1978-1979, a partir de uma sauna de periferia, lá de Vila Matilde. Nesses poemas eu repenso Dante Alighieri, O Inferno de Dante, a partir das pequenas estufas de vapor para duas pessoas transarem dentro da sauna (...) São poemas curtos em que mentalizo, em nível de historiografia inconsciente, aquilo tudo. Era uma sauna de grande alegria. Parecia o Império Romano. Estavam lá aqueles efebos, passavam deslizando, com aquele toalha só na cintura, lindíssimos, belíssimos, verdadeiros Ganimedes (...). Teve de tudo naquela época. Numa manhã mágica, tomando um chope num bar da rua Tutóia, escrevi de enfiada uns 15 poemas. Depois, na outra manhã, emendando aquele fogo, escrevi os 5 restantes (...).

Sobre “Quizumba” (1983)

(...) É também uma história de amor, um livro em que repenso as experiências com ácido, com drogas pesadas dos anos 70 (...).

E finalmente, sobre “Ciclones” (1997), sobre o qual desenvolvemos análise:

Sobre “Ciclones” (1997)

(...) É poesia e xamanismo. É o retorno às origens da poesia, o poeta como feiticeiro e xamã, como aconteceu em várias épocas. Experiências com plantas alucinógenas em função das técnicas arcaicas do êxtase e do xamanismo (...).

Para empreitar tal análise é importante ter em mente que o xamã, não apenas conta suas histórias mágicas para os ouvintes (o resto da tribo) através da palavra, mas também tem a capacidade de fazer com que seus interlocutores sintam o ritmo original por meio de seus tambores e chocalhos. Em vários fotos e videos do período que aqui temos como objeto, Piva aparece recitando seus poemas tocando um chocalho e normalmente é acompanhado por alguém que toque um tambor durante a leitura.

Perante isso, para além da análise do poema em si, devemos nos manter atentos a todo o conjunto complexo que acompanha os poemas xamânicos de Piva, visto que suas palavras não têm valor pelo seu sentido apenas. Em sua poesia, a experiência vivida é que é retratada, mas não de forma direta. E por isso de uma possível dificuldade de compreensão da poesia piviana. O poeta transfigura as experiências e essas, conseqüentemente, aparecem de uma forma “mágica”. Como aponta Gabriel Rath Kolyniak²⁶, em entrevista ao canal Poesia Gay Brasileira: “ao falar de um garoto que mexeu com a imaginação dele, ele trata o garoto como o garoto jaguar. É tudo no universo do simbólico, no universo do sonho, do delírio.” (KOLYNIK, 2017). Veja:

garoto jaguar
& sua tribo
descendo dos telhados

²⁶ Editor da Córrego (SP) e coordenador da Biblioteca Roberto Piva

pulando janelas
skates carnívoros
rondando
cidades mortas

(Piva, 1997)

Outro aspecto da poesia xamânica de Piva deve ser mencionado: o uso de plantas alucinógenas. A utilização de substâncias alucinógenas acompanhou sua vida desde os anos 60. Além delas, segundo suas próprias palavras, foi um dos primeiros em São Paulo a experimentar o “LSD” que, para ele, deveria ser usado em sua função ritualística e não de “curtição”:

“(…) Nós estávamos antenados com as vertentes novas do pensamento, como a beat generation, o psicodelismo do Timothy Leary²⁷ ... junto com outras pessoas, eu fui um dos primeiros a tomar LSD em São Paulo, que é uma experiência xamânica levada ao contexto urbano. Ela foi desvirtuada pela curtição, mas no fundo, leva a pessoa a um estado alterado de consciência xamânica, que é propícia às visões da poesia (...)

e completa:

(...) O problema das drogas é muito complexo. Tem que passar por uma experiência religiosa. Quando não tem experiência religiosa é aquele bando de gente louca pulando numa danceteria, mas sem Dionísio. Ao mesmo tempo, o problema das drogas é de uma sociedade que não tem mais iniciação (...) (PIVA, 2004)

Na fase que temos como objeto, Piva que iniciara suas experiências alucinógenas como o LSD, passou a debruçar-se sobre as plantas capazes de

²⁷ Neurocientista professor de Harvard. Ficou conhecido como um proponente dos benefícios terapêuticos e espirituais do LSD.

induzir a alucinações. O autor viveu intensamente a contracultura no Brasil e, conseqüentemente, teve o antropólogo Carlos Castañeda²⁸ como uma de suas leituras. Castañeda, desviando-se da prática antropológica tradicional, da qual o mundo verdadeiro não seria aquilo que se vive, mas sim as estruturas ocultas (leis) que governam as aparências, relata em seus livros o que em sua visão seria o próprio mundo dos sentidos, o mundo da experiência primária:

(...) O que você lê em Castañeda? O Don Juan diz: “aqui é um lugar de poder”. Provavelmente um físico quântico diria: “aqui é um campo de força”. Ambos você não vê. Porque ambos lidam com o invisível. Por isso que há uma recuperação do xamanismo, fenômeno que eu lido desde que li Artaud. Ele foi um típico xamã, que rompeu com o cartesianismo da sociedade francesa e partiu para o México para tomar peyote e conviver e fazer experiências xamânicas com os índios tarahumaras (...) (PIVA, 2004)

Piva, expondo suas contradições (as quais defende enquanto qualidades de todo bom poeta²⁹) utiliza da ciência (que tanto criticou em vida) para defender sua poesia xamânica:

(...) Num livro do Michael Harner, que é um PhD em antropologia, estudioso do xamanismo, que está reintroduzindo o xamanismo entre tribos pele-vermelha americanas e esquimós, ele mostra que fizeram pesquisas com grupos de biólogos, físicos e antropólogos e descobriram que o uso de tambores e chocalhos no xamanismo serve para acionar determinados centros nervosos, determinados lóbulos cerebrais que provocam a cura e provocam o estado alterado de consciência. Não é curioso? Um conhecimento de 30 mil anos precisou esperar a física quântica para mostrar que eles tinham razão (...) (PIVA, 1991)

²⁸ Escritor e antropólogo formado pela Universidade da Califórnia; notabilizou-se após a publicação, em 1968, de sua dissertação de mestrado intitulada *The Teachings of Don Juan - a Yaqui way of knowledge*, lançada no Brasil como *A Erva do Diabo*.

²⁹ “É, ele (Maiakóvski) tinha as duas vertentes. Era contraditório, como todo bom poeta. (PIVA, 2007, p. 91)

Piva exercia uma certa forma maestria xamânica , ou seja, o autor aparecia - e era reconhecido por seus interlocutores - como um xamã, utilizando das ferramentas que possui para convencer o(s) outro(s) a embarcar em sua empreitada. Em um testemunho de René Ferri³⁰ no Facebook, podemos observar isso:

Há uma foto famosa p/b de Jim Morrison sem camisa, que foi capa de uma coletânea dos Doors. Visível um colar de contas que eu achava ser um colar qualquer. Quando mostrei a capa do LP para o Piva, ele disse num sopro: 'xamã' — e enfiando a mão por dentro da camisa, em volta do pescoço, puxou um colar para me mostrar: era absolutamente igual ao do Jim Morrison.

Alguns poemas de “Ciclones” refletem seu caráter de “mestre aconselhador”:

- 1) seja devasso
seja vulcão
seja andrógino
cavalo de Dionysos
no diamante mais precioso

Neste conciso poema, de forma característica à fase em questão, podemos interpretar o autor como um mestre que aconselha o leitor à i) devassidão, interpretada aqui como uma forma de excesso (no sentido blakeano³¹), como forma de busca do êxtase; ii) vulcão, além de ser uma aproximação a um objeto natural, em contraposição às temáticas urbanas, pode ser interpretado também como um caminho para o excesso (aquilo que entrará em erupção), bem como uma referência ao traço magmático de sua poesia, como aquilo que se acumula para

³⁰ Escritor e proprietário, dos anos 70 aos 90, da “Wop-Bop”, loja de discos detentoras de vários selos musicais em São Paulo das referentes épocas.

³¹ William Blake: “ O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria.” (BLAKE. O Casamento do céu e do inferno. Trad. Alberto Marsicano. p 7. 2007.

explodir com em uma erupção vulcânica³²; iii) andrógino aqui temos a histórica temática da androginia, que é recorrente em vários mitos de cunho xamânico por diversos povos e, além disso, a sempre constante temática homoafetiva estando presente (de forma natural, porque era assim que o autor a interpretava) e iv) a figura de Dionysos, deus grego da vegetação, da orgia e do vinho.

2) A oitava energia

(para Malcom de Chazal & sua poesia oscilatória; para Raymond Abellio, Câmara Cascudo, Mircea Eliade, Julius Evola & a tradição iniciática)

Que você conheça
a estrela da loucura
Na sua verde boca animal

A paisagem mineral
rói o olho do peregrino
que procura seu Deus com chifres

Amo os garotos que cospem o sangue
das amoras
pelos lugares ermos, praias habitadas
por escamas de peixe, montanhas
& matas onde o anjo é um pau
duro no poente

Que você conheça o relâmpago
chamado mundo sombrio
Estremecendo na folha do seu
coração

Que você conheça este relógio sem nuvens
chamado morte

³² Piva defendia que precisava “viver” antes de escrever seus poemas. Passava longos períodos sem publicar, enquanto “caía na vida”, para então dedicar-se aos escritos.

dependurado no planeta
como volúpia secreta

Que você conheça manguezais
& realidades não-humanas
que são a essência da Poesia

Que você conheça o sussurro do Sol
Na água ferruginosa dos seus olhos

Neste poema, desde a epígrafe (dedicatória), Piva demarca o terreno poético, social e filosófico ao que quer estar integrado. Comentaremos, portanto, os nomes a quem Piva dedica o poema, na ordem em que aparecem:

Malcolm de Chazal foi escritor, poeta e pintor. Associado ao surrealismo pelo próprio André Breton. Em suas pinturas (as quais Piva tinha reproduções por sua casa, como observamos em entrevista concedida à Rádio Jovem Pan,) buscou uma interpretação animalística (no sentido do bestial) através de cores e traços que valorizam as emoções em contraposição às representações rígidas.

Raymond Abellio foi um escritor e filósofo francês. Sua obra filosófica abraçando o conhecimento da tradição esotérica ocidental e oriental, se orienta em torno da construção de uma “gnose moderna”, buscando questionar e expandir o significado e as implicações do conhecimento contemporâneo.

Câmara Cascudo foi etnógrafo pesquisador do folclore brasileiro que, em entrevista ao jornal “A Província”, demonstra seu grande interesse pela temática das tradições culturais brasileiras, expondo contundentes motivos da admiração despertada por parte de Piva:

Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade.
Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do
Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais

abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado (CASCUDO, 2001).

Pulando Mircea Eliade, por já termos desenvolvido o suficiente sobre ele no que se refere às correlações com Piva, chegamos a Julius Evola, filósofo cuja obra inspirou correntes exotéricas contemporâneas e escritores tradicionalistas. Aqui, um fragmento:

"O Mundo Tradicional conheceu a Realeza Divina. Conheceu o Ato da Passagem: a Iniciação - as duas grandes vias de aproximação - a Ação Heróica e a Contemplação - a mediação: o Rito e a Fidelidade o grande Apoio: a Lei Tradicional, a Casta - e o símbolo terreno: o Império. Estas são as Bases da Hierarquia e da Civilização Tradicional, em tudo e completamente destruídas pela "triumfante" civilização "humana" moderna" (EVOLA. Revolta contra o mundo moderno, cap. 1934)

Percebe-se em todos os nomes citados, uma constante inerente ao xamanismo de Piva: uma certa nostalgia ao passado, o apego ao tradicional, ao originário, ao animalesco como aquilo capaz de ser detentor de uma verdade histórica e que, portanto, é digna de dedicação, de produção, de escritos e, claro, aconselhamentos. Vamos ao resto do poema.

Na primeira estrofe, o autor aconselha e/ou deseja a quem está lendo um certo tipo de conhecimento. No caso, o conhecimento "da estrela da loucura em sua boca verde animal". Aqui Piva refere-se não à loucura como uma "doença mental", mas como uma manifestação do irracional, um estado de transe, ao desregramento dos sentidos do qual falava Arthur Rimbaud³³ em sua carta à Paul

³³ " O poeta se faz vidente por um longo, imenso e pensado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca a si mesmo, ele exaure em si mesmo todos os venenos (...) Inefável tortura na qual necessita de toda a fé, toda a força sobre-humana, onde ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o supremo Sábio!" (RIMBAUD. Carta do Vidente. 1871. Trad. Leonardo Gonçalves)

Démény³⁴. Desregramento esse, como aponta o verso destacado, apresentado em sua forma animal, sua forma transfigurada de modo totêmico.³⁵

Na segunda estrofe, o primeiro e o terceiro verso merecem destaque. O primeiro apresenta a imagem de uma “paisagem mineral” que, como já apresentamos, em contraposição às imagens urbanas, é uma constante produção xamânica de Piva. E o terceiro, ao apresentar o “Deus com chifres”, foge à dualidade cristã, que tanto criticou³⁶, que, dividido o bem e o mal nas representações de Deus e Diabo, desperdiça uma complexa gama de seres possivelmente detentores do sagrado. É como se perguntasse: “por que um Deus não pode ter chifres?”

Na terceira estrofe mantêm-se as imagens vegetais. Na quarta, temos a alusão ao “mundo sombrio”, que aqui interpretamos como a necessidade do poeta, assim como o xamã, de conhecer tudo em todas as suas contradições e complexidades. Para curar, o xamã primeiro se torna doente e busca sua própria cura, desafiando a morte. Só depois que aprende a lidar com a própria morte, por meio de um processo lento e tortuoso, que o xamã torna-se capaz de exercer a cura. A quinta estrofe também faz clara alusão à necessidade de conhecer a morte.

³⁴ Poeta e amigo pessoal de Rimbaud

³⁵ A imitação xamânica dos gestos e das vozes dos animais pode passar por possessão, mas talvez fosse mais exato dizer que o xamã toma posse de seus espíritos auxiliares; é ele que se transforma em animal, do mesmo modo como obtém resultado semelhante usando uma máscara de animal; ou então se poderia falar ainda de uma nova identidade do xamã, que se torna animal-espírito e “fala”, canta ou voa como os animais e os pássaros (ELIADE, 2002, p. 112).

³⁶ “De fato, a visão do mundo judaico-cristão, com seu Deus situado fora do Tempo & do Espaço imobilizado na Eternidade, representa a concepção mais antiecológica de que temos notícia. “Meu reino não é deste mundo” significa que o mundo poderá estar entregue a todo tipo de devastação, quer por bombas, agrotóxicos, industrialização etc., pois para este ponto de vista o planeta Terra é um lugar de passagem, um “vale de lágrimas”, um lugar de expiação [...] Com o advento do Cristianismo, ocorreu a dessacralização do mundo, que para os pagãos era povoado de deuses.” (PIVA, 2008, p. 181-182)

Na sexta estrofe, temos mais uma imagem natural: “que você conheça manguezais” e a defesa de que “realidades não humanas” são a “essência da poesia”. Esse verso merece especial atenção para a compreensão do xamanismo defendido e praticado por Piva. Sabemos que algumas tradições da poesia moderna defendem a racionalidade como característica fundamental à poesia. No Brasil, temos o exemplo de João Cabral de Melo Neto (para quem a emoção não cria) e a Poesia Concreta de Haroldo de Campos (que situava a si mesmo na genealogia de Paul Valery ³⁷ no que se refere ao processo de criação) como exemplos. Piva andava em direção a outro lado e, além disso, chegava a ser “tirânico” ao apresentar a poesia como fruto de um processo irracional. Para Piva o Concretismo nada mais era uma “linha de montagem” da qual não queria fazer parte.

Acontece que Piva não era ingênuo. De rebuscado gabarito intelectual, nos parece evidente que, como os seus contemporâneos (inclusive amigos que partilharam das mesmas influências bibliográficas e acontecimentos pessoais), Piva também tinha como consenso que o racional e o irracional caminham juntos no âmbito da produção literária, não havendo uma antinomia aqui.

Se tomarmos a produção com base no irracional, como “lírica”, por exemplo, nos remetemos à produção do Romantismo, que, marcada por uma iminência do “eu”, expressa emoções e sentimentos que, sendo por consequência, movida por emoções e sentimentos. Temos exemplos para além do Romantismo. Na antiguidade temos Platão que em sua “Poética” registrou a inspiração movida pelo delírio e a interferência do “Daimon” na criação. Podemos citar os pós-românticos também: poesia de Rimbaud (que já citamos neste trabalho é um exemplo). Temos também o Simbolismo, no Surrealismo, na Geração Beatnik.

Com o Classicismo ganha força a ideia de uma poesia “impessoal”, suprimindo o “eu” que, por sua vez, foi abraçada pelos parnasianos. O formalismo de Eliot e Valery também seguiram nessa empreitada.

³⁷ Poeta e pensador francês do século XIX . Depreciava as ideias irracionais e acreditava na superioridade moral e prática do trabalho. Empenhou-se na busca de um método destinado a fazer da criação poética uma obra de precisão.

Piva não desconsideraria a produção desses autores. Sua “Ode à Fernando Pessoa (1962)³⁸” é a maior prova disso. O poeta português, que para Piva foi o maior da língua portuguesa, era a materialização da não existência dessa antinomia, visto que era racional e irracional ao mesmo tempo: “Ter opiniões é estar vendido a si mesmo. Não ter opiniões é existir. Ter todas as opiniões é ser poeta.” (PESSOA. Livro do Desassossego. Vol.I.1990)

Piva, por sua vez, parece ser a materialização dessa última frase, escrita por Pessoa e por isso é extremamente contraditório. Faz afirmações generalistas, escreve manifestos, dita conselhos e tudo isso, sem preocupar-se com incoerências. Ao mesmo tempo que exerce (ou busca exercer) o papel de xamã curandeiro que, após ser ferido pela morte (em suas experiências alucinógenas), é capaz de restaurar os males dos outros através da ajuda dos espíritos presentes nas forças invisíveis da natureza. Piva é uma espécie de charlatão que, dotado de uma crença em sua capacidade espiritual, é capaz de ludibriar sua comunidade exercendo um poder tirânico de dominar forças naturais e assim determinar a sorte e o azar dos que estão a sua volta.

Ainda sobre a presença de Piva enquanto um mestre, um xamã, imagem em considerável parte criada pelo mesmo e corroborada por seus seguidores, trazemos o depoimento de Gustavo Benini, ex-companheiro de Piva:

(...) Piva gostava de presentear quem ele gostaria de ver em seu ciclo xamânico com a imagem do Gavião de Penacho, que era seu animal totêmico. Ao receber a imagem, o presenteado passava a integrar o campo mágico liderado por Piva (...) (2017)

Esse Gavião era o espírito protetor, uma fonte fundamental de poder para o xamã. Nas palavras de Michael Harner, antropólogo iniciador de Carminha Levy (responsável por uma das iniciações de Piva, no caso, do Catimbó), o espírito

³⁸ “(...) O rádio toca Stravinsky para homens surdos e eu recomponho na minha imaginação a tua vida triste passada em Lisboa/Ó Mestre da plenitude da Vida cavalgada em Emoções/Eu e meus amigos te saudamos!/Onde estarás sentindo agora?

protetor é um animal que não apenas protege e serve o xamã, mas também tornar-se sua outra identidade, seu outro ser (1980).

Gabriel Kolyniak³⁹ (2017), também traz relato importante nesse sentido. Em entrevista realizada para essa pesquisa, fizemos a seguinte pergunta:

Em um dos relatos publicados por Claudio Willer, Piva se comparava a Jim Morrison (que para ele era um xamã), visto que tinha um colar de pontos idêntico a do cantor... Você acha que Piva se colocava nessa posição do Xamã? E, tendo em vista que um xamã sempre possui interlocutores, para você, quem eram esses interlocutores?

Acredito que Piva se colocava enquanto xamã, uma vez que ele convidava seus interlocutores a compartilhar de práticas voltadas ao contato com o universo invisível. Talvez isso buscasse criar esse interlocutor, talvez ele buscasse levar a pessoa que estava conversando com ele (e ele mesmo) para um lugar de encontro que essa prática permitisse alcançar. Talvez seja algo simples assim, uma busca por aventura (um dos termos que volta e meia aparecem no discurso do Piva). A aventura como um estado de espírito, como algo a ser buscado. Até mesmo nessa semelhança com Jim Morrison, pensando que aspecto da juventude está sendo valorizado com isso, quem é esse poeta que convida seus amigos a passar por essas circunstâncias. Num certo sentido ele estaria fazendo esses ritos todos como ritos propiciatórios para que uma certa coisa ocorresse, para que um certo discurso fosse possível.

Gabriel complementa:

O Piva exercia uma espécie de feitiçaria construída num método misto, sincrético. Não em um sentido que estamos habituados a dizer (da mistura do cristianismo com outras matrizes), mas sim, no sentido de pegar um pouco de uma tradição, um pouco de outra e criar uma espécie de feitiçaria própria. Sua feitiçaria se aproximava dos rituais dos juremeiros, cuja feitiçaria é sempre feita para outro. Como feiticeiro, ele parecia ter uma

³⁹ Editor da Córrego (SP) e coordenador da Biblioteca Roberto Piva

busca por abrir certas formas da cabeça das pessoas. Parecia ter uma inclinação a essa espécie de percurso iniciático, de levar pessoa a entrar em contato com certos elementos, que são procedimentos comuns nos processos iniciáticos xamânicos.

Esses métodos eram, basicamente, o toque de tambor e o uso do chocalho. Esses eram instrumentos mágicos para Piva. O toque desses ritimavam as viagens mentais propostas por Piva. Ele fazia o mesmo com a escuta de poesia e de música. Gostava de associar a escuta de uma música como, por exemplo, John Coltrane, com um horário específico do dia, ou com a contemplação de determinado quadro ... enfim, todas essas propostas de contemplação estavam associadas a um certo misticismo, ainda que não fossem declaradas como tal, pelo próprio Piva.

Piva era muito ligado ao xamanismo vegetal, além do animal, cujos trabalhos consistem em se saber qual é o seu animal de poder, ou que animais de poder você consegue encontrar em sua jornada para potencializar seu caminho. Ele fazia um ritual específico que era uma caminhada mental, acompanhada de um tambor. Quanto às plantas, ele propunha exercícios que tinham a ver com se intuir qual era a árvore com que você se afinizava em cada circunstância. Eu cheguei a fazer com ele esse exercício de caminhar por um lugar de mata e buscar uma árvore (e o que você vai fazer quando encontrar com ela, você saberá na hora). Como se sabe, a feitiçaria em geral trabalha entre reinos: mineral, vegetal e animal, então, qualquer fazer nesse sentido, precisa usar elementos desses para além da Terra, Fogo, Água e Ar.

Já ouvi de amigos do Piva relatos de percursos xamânicos que envolviam procedimentos comuns a várias tradições, como a realização de determinados banhos, certas caminhadas (mentais e no mundo externo), o que acho muito coerente, tendo em vista toda a poética de Piva, que é uma poética de conexão dos elementos urbanos e não-urbanos... Muitos poemas do Piva se assemelham a caminhadas, assim como a feitiçaria dele.

Piva também tinha conexão com um Pai de Santo do Candomblé, mas em seu exercício xamânico (ele enquanto xamã), nunca vi nenhum trabalho que falasse diretamente com Orixás ou outros seres próprios do Candomblé ou da Umbanda. mesmo porque essas energias dependem de um fundamento diferente. É difícil fazer tudo ao mesmo tempo. Normalmente se escolhe uma linha e se segue ela, ainda que exista gente que se aventure em vários caminhos.

Enfim, grande parte disso que chamamos de “trabalhos espirituais” são procedimentos que devemos tomar muito cuidado ao expor exatamente o que são essas práticas, porque muito delas você não consegue explicar racionalmente. É possível indicar que tipos de procedimentos são feitos (como os encontros com os animais xamânicos, os animais de poder, intuição vegetal) mas é somente a experiência com esse tipo de circunstância que explica o que elas são.

Creio que a poesia dele funcionava como uma extensão desses trabalhos espirituais e em algumas ocasiões pode-se dizer que há poemas que não são sobre o xamanismo, mas são eles mesmos um exercício xamânico. Neste caso, o poema em si é um ato de magia. Eram escritos com esse propósito. É aquela ideia do poema como algo capaz de fazer algo no mundo, uma espécie de uso do poema como aparelho mágico. (KOLYNIK, 2018)

Ainda sobre os complexos e diversificados vieses da prática xamânica de Piva, temos o seguinte relato:

Eu, por exemplo crio uma cascavel dentro de casa como um animal de estimação. Além disso, mantenho frequentes contatos telepáticos com todos os Anjos e todos os Demônios que de vez em quando se materializam aqui em casa. Isso não quer dizer que exista uma receita universal. Sou um leigo e me comunico com Blake, Artaud, Rimbaud, Reverdy e com aquele sapateiro remendão, Jacob Boehme, que anunciava o apocalipse em cada ponta barroca de suas palavras. Tentaram me suicidar várias vezes, através da emissão de urucas - mas devo dizer que essas coisas em mim não pegam. Sou filho de Omulu! Todas as urucas voltam para quem mandou. Aliás, eu nem me preocupo com isso. A vida é uma aventura errante e um grande passo nômade. Há poetas que se cagam de medo e ficam em casa fazendo suas orações para um penico. Eu faço minhas orações para o arco-íris. (PIVA, 1996)

Em “Ciclones”, versos curtos e diretos passam a refletir a produção do poeta. Esse livro, bem como tudo o que aqui definimos enquanto sua fase xamânica, possui forte relação, para além de Eliade e os autores citados em suas associações, com o poeta Jerome Rothenberg que, inclusive, é citado na epígrafe do livro:

O trabalho dos xamãs (curandeiros tradicionais: mestres do êxtase & do transe, diz Mircea Eliade... os técnicos do sagrado) é explorar & criar o extraordinário (o “maravilhoso” de André Breton & dos surrealistas), explorar & criá-lo por meio do transe & pelo controle da língua & do ritmo & assim por diante (porque ele, que controla o ritmo, escreveu alguém, controla).

Da perspectiva da consciência comum, este trabalho do xamã é desorientador, assustador, & o próprio xamã (ele ou ela) frequentemente experimenta tudo isto como terror: um pavor da morte & da doença - curar o pavor da morte & da doença - & o pavor da loucura/psicose/alma, quando ele realmente nos aflinge. (2008).

Rothenberg foi e é figura de extrema importância na poesia contemporânea. Além de muito atuante em um dos períodos mais efervescentes da literatura norte-americana, chamada de segunda grande onda modernista (meados de 1950 até meados de 1970), formulou pilares para uma poesia “transnacional”, fundou a “etnopoética”, cujos fundamentos, segundo sua própria interpretação, já haviam sido produzidos pelo modernismo europeu. A definição de etnopoética, segundo as palavras do próprio Rothenberg, nos dizem muito sobre a poesia xamânica de Piva:

A etnopoética se guiou pela suspeita de que certas formas de poesia, assim como certas formas de arte, permeavam as sociedades tradicionais & de que essas formas geralmente religiosas não apenas se assemelhavam, mas há muito já haviam realizado o que poetas experimentais e artistas estavam então tentando fazer (ROTHENBERG, 2006, p.10)

A partir desse fragmento, as associações anteriormente citadas, realizadas por Piva, começam a completar um quebra-cabeça conceitual de seu xamanismo. Desviando-se do que fora realizado pelos concretistas brasileiros, no sentido de adaptar a produção poética à realidade urbano industrial latente nos anos 1960/1970 por meio da centralidade do espaço gráfico, da não discursividade e da

racionalidade, Piva, como Pasolini⁴⁰, buscava ser “uma força do passado”, parecia ter a plena noção da perda do encantamento das matas com o aparecimento da luz elétrica⁴¹ e definitivamente, não aceitava perder esse encantamento. Rothemberg, autor de antologias de textos ameríndios, fontes orais e não ocidentais como “Technicians of the Sacred (1967), Shaking the Punpkin (1972), A Big Jewish Book (1978) e Symposium of the Whole (1984), é um dos aliados bibliográficos dos quais Piva se vale para tal empreitada, segundo o qual, havia uma tentativa de reformulação da ideia do primitivo, apontando sua complexidade, e a busca de abarcar as manifestações da poesia canônica ocidental sob a lente da etnopoética. Aqui, portanto, começa a fazer mais sentido as aproximações que Piva fazia dos poetas surrealistas aos xamãs primitivos, ou então dos poetas visionários:

(...) Me comunico com Blake, Artaud, Rimbaud, Reverdy e com aquele sapateiro remendão, Jacob Boehme, que anunciava o apocalipse em cada ponta barroca de suas palavras. (...) A vida é uma aventura errante e um grande passo nômade. Há poetas que se cagam de medo e ficam em casa fazendo suas orações para um penico. Eu faço minhas orações para o arco-íris (...) (PIVA, 2006)

A poesia de Piva, refletindo essa forte crença mística em sua vida, traça analogias entre artes verbais indígenas e substratos modernistas, como propunha a etnopoética de Rothemberg. Sendo um leitor assíduo do Modernismo Brasileiro e sua Antropofagia, como mostra o seguinte fragmento,

⁴⁰ Eu sou uma força do Passado/Só na tradição está o meu amor/Venho das ruínas, das igrejas/Dos retábulos, das aldeias

⁴¹ “O mistério continua conosco, homens do século XX, embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes. Por que desconhecê-lo ou desprezá-lo em dias tão críticos não só para certas fantasias psíquicas como para certas verdades científicas, como os dias que atravessamos?” (FREYRE. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense”.1955.

(...) Ele (Oswald de Andrade) Tem muita coisa interessante. Mas foi cooptado por uma série de vanguardinhas de colégio de freira. Ele era um cara que tinha uma visão muito precisa do arcaico. Ele diz no livro *Estética e política* que em qualquer igreja de beira de estrada, qualquer terreiro de candomblé, pode-se ter uma união com o sagrado, que é chamada de sentimento órfico, que não pode ser perdido no homem. Oswald de Andrade é de grande importância. E nesse sentido ele chamava atenção para as culturas indígenas brasileiras (...) (2004).

Piva parece ser ainda mais radical que os autores antropófagos. Esses foram mais radicais que os românticos, porém, não foram além no potencial imaginativo da empreitada. Não produziram, por exemplo, as fusões criativas entre diferentes poéticas. Analisemos o poema “Vertigem”, reproduzido na página “17” desta tese.

Tal poema, do livro “Ciclones” é dotado de complexas metáforas rituais, desorientações e outras possibilidades de realidade para nosso campo poético. Nele estão presentes referências da psicanálise (Eu sou Reich, Ferenczi & Jung); dos narcóticos (Eu sou a viagem de ácido); do avanço tecnológico inerente aos anos 90 (Eu sou o espaço cibernético) aos cada vez mais e estudados possíveis contatos com ovnis (Eu sou o disco-voador tatuado); o debate ecológico (Eu sou a floresta virgem); intelectuais brasileiros, no caso, Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala); a transformação no comportamento sexual (Eu sou a orgia); A aproximação entre o “primitivo” e um debate próprio à psicanálise dos anos 60, sob a lente de Reich (Eu sou o nômade do Orgônio); as religiosidades orientalistas, trazidas pelas mãos da contracultura e desenvolvida nos anos posteriores (dançava feito Shiva no meu corpo); o xamã e sua prática xamânica (Eu sou o Tambor do Xamã); a homossexualidade (andrógino); o gangsterismo de sua juventude nos anos 40/50 de São Paulo (Eu sou o beijo de Urânio de Al Capone) e seu apreço e sacralização do mesmo (Eu sou uma metralhadora em estado de Graça) e, por fim, a proximidade com as religiões de matriz africana (Eu sou a pomba-gira do Absoluto); tudo isso sob um caráter fortemente condensando e conectado, no mesmo poema abrindo brechas para interpretações biográficas e sociais da poesia de Piva que, mais uma vez, como assinalava o último verso, apresenta o poeta sob a forma do Xamã, a

quem os outros buscam e se referenciam, alimentado-se, como apresenta de práticas comuns ao sermão, ao discurso político e a poesia épica, o que António Cândido (CANDIDO, 1995, p. 67) define enquanto “tradição de auditório”, passando a caber ao poeta persuadir o leitor/ouvinte.

A “fase xamânica” de Piva, portanto, para além do condensamento de seus versos no que Rothemberg definiu enquanto etnopoesia e do maior exploração das temáticas xamânicas, foi a condensação do próprio autor enquanto um Xamã. Para isso, buscou autores que o referenciassem, iniciou pessoas em seu xamanismo, atraiu “discípulos”, indicou (de forma direta e indireta) leituras aos seus leitores, realizou viagens para locais afastados do centro-urbano e teve com experiências com plantas alucinógenas para que então, posteriormente, isso tudo se refletisse em sua poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(O OUTRO, O ARCAICO E O MÍTICO NA POESIA DE PIVA)

Rimbaud
garoto-panzer
coxas douradas
de mochileiro das estrelas
puer de alquimias
(Ciclones, 1997)

Arthur Rimbaud (1854 - 1891), célebre poeta maldito, em carta à Paul Demeny (1871), cunhou a frase: “O Eu é um outro”. Tal enunciação transforma a história da poesia moderna. Rimbaud, ainda nessa carta, completa:

O primeiro estudo do homem que quer ser poeta é o conhecimento de si mesmo, inteiro; ele busca sua alma, ele a observa, tenta, aprende (instrui). A partir do momento que ele a sabe, ele deve cultivá-la (...), e mais: “(...) isso parece simples: em todo cérebro se cumpre

um desenvolvimento natural; tantos egoístas se proclamam autores; há também outros que atribuem a si seus progressos intelectuais!. (RIMBAUD, 1871)

Percebe-se aqui uma postura inovadora na interpretação da produção poética que, não é mais tomada como uma produção racional, gestada pelo desenvolvimento lógico de um autor, mas com o contato de uma Outra Coisa - que não se define -, com uma Outra Voz -, que deve ser buscada e cultivada:

O poeta se faz vidente por um longo, imenso e pensado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca a si mesmo, ele exaure em si mesmo todos os venenos, para então guardar apenas as quintessências. Inefável tortura na qual necessita de toda a fé, toda a força sobre-humana, onde ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o supremo Sábio! – Pois ele chega ao desconhecido! (Ibidem)

Essa interpretação revolucionou a poesia mundial. Vários e vários autores, passando dos Malditos aos Dadaístas, aos Surrealistas, aos Beats, aos Modernistas Brasileiros, tiveram sua produção influenciada por essa assertiva. Interessante também, partindo do fato que Piva era um pesquisador do acervo das práticas culturais indígenas brasileiras, em especial a cultura Yanomami⁴², é pensar a proximidade da assertiva Rimbaudiana com a seguinte declaração de Davi Kopenawa (2008):

⁴² O termo Yanomami aparece em seu “Manifesto do Partido Surrealista-Natural”. Além disso, em entrevista à Revista Cult (2006) quando perguntado a respeito da transformação da onça-pintada em totém nacional, responde: Para os índios Yanomami, no dia em que matarem o último xamã e a última onça-pintada, o céu cairá. Acredito piamente nisso. O céu já caiu uma vez. Vai cair pela segunda vez se os xamãs e as onças desaparecerem. Proponho também que se façam experiências telepáticas com onças para conhecermos suas reais necessidades.

Meus pensamentos, quando estou só, nunca são calmos. Busco no fundo de mim palavras desse tempo distante em que os meus vieram a existir (KOPENAWA, 2008, p.74)

Aqui, mais uma vez, o Outro se faz presente, dessa vez sob a forma de uma memória da Comunidade Perdida. Roberto Piva é um exemplo dessa busca e conexão e isso se torna explícito em sua última fase poética:

come teu cogumelo
no coração do sagrado fazendo sinais arcaicos procura entre
praias, montanhas & mangues
a mutação das formas sonha o mundo
num só tempo o cogumelo mostrará o caminho
só o predestinado fala a luz lilás do cogumelo
levará ao rio das imagens
Sombras dançam neste incêndio.
(PIVA, 2008, p. 111)

Na introdução de seu “Mito e Significado”, Claude Levi-Strauss, ao devanear sobre a sensação de não ter sido ele mesmo a escrever seus textos, como uma espécie de “esquecimento” que sempre esteve presente em sua carreira, associa essa sensação ao que outrora teria escrito que os mitos despertam no homem pensamentos que lhes são desconhecidos:

Nunca tive, e ainda não tenho, a percepção do sentimento da minha identidade pessoal. Apareço perante mim mesmo como o lugar onde há coisas que acontecem, mas não há o «Eu», não há o «mim». Cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem coisas. As encruzilhadas são puramente passivas; há algo que acontece nesse lugar. (LEVI-STRAUSS, 1978, p.8)

É essa conexão do autor com um “Outro”, uma “Outra Coisa”, um “Outro Ser”, essa caminha pela encruzilhada, o que Michael McClure⁴³, importante poeta beatnik, interpretava como “O mamífero dentro de nós”, capaz de nos esclarecer a relação entre xamanismo e poesia e, conseqüentemente, apreender a poética de Roberto Piva em sua complexidade própria. Ainda nesse sentido, destacamos o fragmento do também beatnik John Clellan Holmes:

Eu me vejo pensando que nós nunca acertaremos neste século, porque perdemos contato com alguma coisa - alguma coisa selvagem e natural, quer a chamem de felicidade ou realidade, uma capacidade de amor espontâneo, seja o que for... mas é a única coisa que pode renovar a consciência quando está esgotada pela ansiedade... e eu fico assustado, com um medo realmente terrível, meu corpo dizendo-me para parar alguma coisa antes que eu vá muito longe - disse, esfregando dolorosamente o antebraço.

Por isso acho que na realidade o que estou fazendo é procurar os nativos, a América perdida. Porque eu quero que eles me ajudem. Porque, realmente, só os rebeldes, malucos e párias ainda podem sentir-se sadios... Aqueles com os quais o General e sua turma não se importam. Que não representam o menor poder ou influência, que não têm interesses públicos e que realmente não dão a menor importância a abstrações.... aqueles que são suficientemente livres pra perceber o maravilhoso que nos restou da Flor.

(HOLMES, 1965, p.268)

O excerto “(...) Eu me vejo pensando que nós nunca acertaremos neste século, porque perdemos contato com alguma coisa - alguma coisa selvagem e natural, quer a chamem de felicidade ou realidade, uma capacidade de amor espontâneo (...)” de tão próximo ao pensamento de Piva, parece ter sido proferido pelo mesmo. E no que se refere à busca pelo arcaico, pelo originário por parte do poeta, o fragmento “(...) Por isso acho que na realidade o que estou fazendo é

⁴³ Integrante fundamental da Geração Beat, sendo imortalizado como "Pat McLearn" em Big Sur, livro de Jack Kerouac lançado em 1962 e como Ike O'Shay de Os Vagabundos Iluminados.

procurar os nativos, a América perdida. Porque eu quero que eles me ajudem (...)” é crucial. Em sua fase xamânica, Piva busca a todo momento os povos nativos brasileiros e suas práticas culturais. Piva busca o Selvagem.

Acontece que, para Piva, esse selvagem é o xamã, o bruxo. Aquele responsável por encarnar todas as energias da natureza que, sem a dicotomia judaico-cristã, às vezes podem aparecer de formas cruéis, violentas, imprevisíveis. Como uma possessão. O poema a seguir, extremamente polêmico, com o título de Paulinho Paiakan⁴⁴, é ilustrativo:

Paulinho Paiakan

A hora do lobo está próxima
Garotos entregam-se ao Pesadelo
Reis elementais do Sul dançam na névoa
Laroiê Exu criador de todas
as coisas selvagens & livres
Fogo sagrado de Xangô queima
a paisagem humanista
A grande roda solar girou novamente
Com você, Paiakan, o índio deixou de
ser platônico
Nesta época de ovelhas
A ave de rapina aguarda no deserto
Os belos matizes da Violência

Monte Alegre do Sul, 1997 (PIVA, 2011)

Paulinho Paiakan foi um Chefe caiapó acusado de ter cometido um estupro em 1992, na cidade de Redenção, no sul do estado brasileiro do Pará, contra a estudante Sílvia Letícia da Luz Ferreira, de dezoito anos de idade. Até então,

⁴⁴ Chefe caiapó que foi acusado de ter cometido um estupro em 1992.

Paulinho era conhecido como um militante ecológico, reconhecido internacionalmente por sua luta pela exploração racional da Amazônia.

Recorrendo a tradição pagã, Piva inicia a exaltação de Paiakan com sua aproximação com o lobo, animal totêmico responsável pela chegada da madrugada, hora do dia em que as energias obscuras dos seres se libertam. Caminhando no sentido oposto à mitologia cristã, que interpreta um “bem” e um “mal” como características inatas ao mundo e define a “bondade” (prática do bem contra o mal) como a atitude ética correta perante esse mesmo mundo, Piva traz a figura de Paiakan de forma ironicamente bela, provocando o leitor a penetrar no desconhecido.

Segundo Joseph Campbell, mitologista norte americano por quem Piva manteve forte interesse, a função básica do mito é abrir o mundo para a dimensão do mistério. Após essa abertura seria possível ver o mistério tal como ele se manifesta através de todas as coisas e de que forma o universo se torna uma espécie de imagem sagrada pela qual sempre será possível digerir o mistério transcendental. A provocação de Piva parece caminhar nesse sentido. Fugindo das dicotômicas concepções de bondade e maldade, deus e diabo, sagrado e profano, o poeta brinca com o bizarro, o horrendo, o inaceitável, buscando brechas de comunicação para cosmologias outras, pelas quais sempre manteve profundos interesses.

O poeta prossegue com a evocação de forças místicas: “Reis elementais do Sul dançam na névoa”. Esses, aqui, regem os fenômenos da natureza na tradição mágica. Trazem o fogo, simbolizando mudanças intensas tomadas por paixões e a sexualidade inerente a isso, somada a sua fúria intempestiva: o Selvagem. Selvagem esse que não se travava de uma mera busca pelo natural, uma aproximação banal com a natureza. Piva não quer um jardim no quintal de casa e alguns animais de estimação, mas um diálogo e contato profundo com as forças naturais, próprio dos povos antigos. Nesse sentido, citamos John Berger:

zoológicos, brinquedos animais realistas e a difusão comercial ampla da imagística animal, tudo isso iniciou quando os animais começaram a ser afastados da vida cotidiana. Poderíamos supor que tais

inovações foram compensatórias. Mas na realidade as próprias inovações pertenciam ao mesmo movimento cruel de dispersão dos animais (BERGER, 2003, p. 31).

e

A pequena unidade onde vive a família carece de espaço, terra, outros animais, estações do ano, temperaturas naturais, e assim por diante. O animal de estimação é esterilizado ou sexualmente isolado, extremamente limitado em seus exercícios, privado de quase todo outro contato animal, e alimentado com comida artificial. Esse é o processo material que está por trás do truísmo de que animais de estimação passam a se assemelhar a seus donos ou donas. Eles são resultados do modo de vida do seu proprietário (BERGER, 2003, p. 20).

Parece cada vez mais claro que a busca xamânica de Piva é, simultaneamente, a busca pelo Passado, pelo Arcaico, em contraposição ao Moderno responsável por várias problemáticas de cunho ecológico e social. Sua prática xamânica e, conseqüentemente, a poesia produzida a partir dela reflete uma revolta, uma postulação ideológica. Observe o fragmento “Manifesto da selva mais próxima”:

estrelas penduradas na fuligem / Catecismo da Perseverança Industrial / Os governos existem pra preparar a sopa do General Esfinge / Os governos existem pra você pensar em política e esquecer o Tesão / Batuque Nuclear Anjo-Fornalha / poesia urbanoindustrial em novo ritmo / Cidade esgotada na feiúra pré-Colapso / recriar novas tribos / renunciar aos trilhos / Novos mapas da realidade / roteiro erótico roteiro poético / Horácio & Lester Young / Tribos de garotos nas selvas / tambores chamando pra Orgia / fogueiras & plantas afrodisíacas / Abandonar as cidades / rumo às praias salpicadas de esqueletos de Monstros / rumo aos horizontes bêbados como anjos fora da rota / Terra minha irmã / entraremos na chuva que faz inclinar à nossa passagem os Guaimbés / Delinqüência sagrada dos que vivem situações-limite / É do Caos, da Anarquia Social que nasce a luz enlouquecedora da Poesia / Criar novas religiões, novas formas físicas,

novos anti-sistemas políticos, novas formas de vida / Ir à deriva no rio da Existência (PIVA, 2008, p. 148-149).

O xamanismo de Piva, como bem destacou José Juva⁴⁵, é uma luta contra o desencantamento do mundo engendrado pela modernidade, uma recusa ao que foi apontado por Weber como uma possível consequência do desenvolvimento capitalista:

Ainda ninguém sabe quem habitará essa estrutura vazia no futuro e se, ao cabo desse desenvolvimento brutal, haverá novas profecias ou um renascimento vigoroso de antigos pensamentos e ideais. Ou se [...] tudo desembocará numa petrificação mecânica, coroada por uma espécie de auto-afirmação convulsiva. Nesse caso, para os “últimos homens” dessa fase da civilização tornar-se-ão verdade as seguintes palavras: “especialistas sem espíritos, folgazões sem coração – estes nada pensam ter chegado a um estágio da humanidade nunca antes atingido” (WEBER, 1990, p. 130-140).

E assim, o poeta acaba por apostar numa radical defesa dos direitos não-humanos do planeta, sem, todavia, esquecer da sua própria espécie:

Eu defendo o direito de todo ser Humano ao Pão & à Poesia. Estamos sendo destruídos em nosso núcleo biológico, nosso espaço vital & dos animais está reduzido a proporções ínfimas quero dizer que o torniquete da civilização está provocando dor no corpo & baba histérica o delírio foi afastado da Teoria do Conhecimento & nossas escolas estão atrasadas pelo menos cem anos em relação às últimas descobertas científicas no campo da física, biologia, astronomia, linguagem, pesquisa espacial, religião, ecologia, poesia-cósmica (PIVA, 2006, p. 143).

⁴⁵ SILVA JÚNIOR, José Juvino da. Deixe a visão chegar – a poesia xamânica de Roberto Piva. Mestrado em Letras na Universidade Federal de Pernambuco, 2011

Para Piva, Rimbaud, ao tratar do já comentado “desregramento de todos os sentidos”, refere-se

não propriamente à loucura, à doença mental, mas a um estado de transe. Um estado de transe xamânico, porque era um alquimista, um xamã avant la lettre, que propõe mesmo a “alucinação das palavras”; o termo é dele (...). e vai além: “(...) Os artistas, como afirma Joseph Campbell, são os xamãs da sociedade contemporânea (PIVA, 2000)

De fato, os processos de produção poética de Piva, bem como de outros escritores associados ao pensamento rimbaudiano, aproximam-se do comportamento dos “xamãs primitivos” descritos por Mircea Eliade e outros autores. Lévy-Bruhl⁴⁶ considerava diferença básica entre o pensamento “primitivo” e o pensamento moderno, o fato de que o primeiro é completamente determinado pelas representações místicas e emocionais. Piva exaltava essas características dos povos “primitivos”, mas, definitivamente, não os resumia a isso. Vejamos fragmentos de um dos textos de Piva em sua fase xamânica, chamado “Todo poeta é marginal desde que foi expulso da república de Platão”:

O fazer poético passa pelo corpo e pela cama. “ A poesia se faz na cama como o amor ...”, isto para começar a conversa. A palavra registrada em livro é a mera extensão (sublimada) do que sobrou da Orgia. Todos nós somos labaredas provocadas pelo curto-circuito do Desejo. O resto é balacobaco, isto é, literatura. Dante é pra ser relido numa sauna, rodeado de adolescentes. Não num escritório-abrigo-antiatômico. O vampirismo descobriu o desbunde, o marxismo e a liguagem caricata. Henri Michaux já deu o recado: Conhecimento através dos abismos. Inferno, Purgatório e Paraíso são uma coisa só (PIVA, 2006. p 53)

⁴⁶ teoria famosa de Lévy-Bruhl, segundo a qual a mentalidade do primitivo seria, por assim dizer, qualitativamente diversa, na medida em que subordina a visão do mundo, não a princípios lógicos, como nós, mas a uma espécie de indiferenciação entre sujeito e objeto, entre as categorias e os corpos, de modo a definir um espírito “pré-lógico”, incapaz de abstrair e de observar o princípio de contradição

e mais:

Poesia é uma forma de conhecimento que vê através de objetos opacos, como uma viagem de LSD e estados mediúnicos de levitação. Xamanismo, linguagem da Sibila de Cumas e cantos de caça de povos “primitivos”, poesia é uma atividade lúdica em que está empenhada sua vida, sua morte, a felicidade e principalmente o jogo. O jogo gratuito de todas as coisas (PIVA, 2006. p 68)

Davi Kopenawa Yanomami⁴⁷, em “A queda do céu” (2011) relata seus processos iniciáticos para tornar-se xamã. Revela que ainda criança já possuía sonhos extraordinários com criaturas que não compreendia. Eram “Omama” e “Yoasi”, os “Xapiris”, espíritos da floresta que o visitavam como quem anunciava sua predisposição ao xamanismo. Do medo inicial, com a confirmação de seu destino, o “escolhido” passou a preparar-se (arduamente, chegando a passar grande período de tempo sem água e comida para poder receber os “espíritos” e assim, exercer seu papel de curandeiro.

A invocação dos Xapiris, para os Yanomami, faz-se com o ingerimento de “yãkõana”, espécie de rapé de caráter alucinógeno capaz de conduzir o índio ao contato, mais especificamente, à dança com os espíritos da floresta e assim, capacitar o xamã a exercer o poder espiritual a qual a ele é atribuído pela comunidade. O “Xapiri” reverbera, por meio da dança, no corpo do xamã, que por sua vez, cumpre suas “obrigações religiosas”.

É evidente aqui a presença do pensamento mítico. Ao tratar deste, Levi-Strauss (1997) aponta que para se consolidar, isto é criar e afirmar seus próprios paradigmas, a Ciência Moderna criou um

fosso, a separação real, entre a Ela e aquilo que poderíamos denominar pensamento mitológico, para encontrar um nome, embora não seja exactamente isso, ocorreu nos séculos XVII e XVIII. Por essa altura, com Bacon, Descartes, Newton e outros, tornou-se necessário à ciência

⁴⁷ Xamã e líder político yanomami.

levantar-se e afirmar-se contra as velhas gerações de pensamento místico e mítico, e pensou-se então que a ciência só podia existir se voltasse costas ao mundo dos sentidos, o mundo que vemos, cheiramos, saboreamos e percebemos; o mundo sensorial é um mundo ilusório, ao passo que o mundo real seria um mundo de propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o testemunho dos sentidos (LEVI-STRAUSS, 1997, p 57)

Sob a égide do Estruturalismo, que o próprio autor define enquanto “ a busca de invariantes, ou de elementos invariantes entre diferenças superficiais” (1997), Levi- Strauss percebe que “(...) As histórias de carácter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte (...)”. Nesse sentido, vale destacar um excerto do próprio Levi-Strauss, em que narra seu contato com os surrealistas, que, como já apresentamos, foram uma das principais matrizes intelectuais de Roberto Piva e calcaram boa parte de suas obras nessas “reaparições”, das quais Levi-Strauss se refere, em suas mais diversas formas:

Eu admirava Breton, rendia homenagem ao seu olho infalível quando percorríamos os bricabraques: ele nunca errava quanto a um objeto, nunca hesitava em seu julgamento. (...) Em certo sentido, aceito esta aproximação. É verdade que os surrealistas e eu nos ligamos a uma mesma tradição intelectual que se origina na segunda metade do século XIX. Breton era apaixonado por Gustave Moreau, por todo aquele período do simbolismo e do neosimbolismo. Os surrealistas ficaram atentos ao irracional, procuraram explorá-lo do ponto de vista estético. É quase o mesmo material de que me sirvo, mas para tentar submetê-lo a análise, compreendê-lo, permanecendo sensível à sua beleza. Acrescentarei que reinava neste grupo um clima de exaltação intelectual, do qual me beneficiei muito. No contato com os surrealistas, meus gostos estéticos se enriqueceram e refinaram. Muitos objetos, que eu teria tido tendência a rejeitar como indignos, apareceram-me sob uma outra luz, graças a Breton e seus amigos. Foi com os surrealistas que eu aprendi a não temer as aproximações abruptas e imprevistas como as que Max Ernst usou nas suas colagens. (Strauss, 1990, p.48-50)

Debatendo as diferentes interpretações do pensamento mítico “primitivo” pela história das Ciências Sociais, destacando que a concepção de Malinowski, vinculada a corrente teórica do funcionalismo via as práticas primitivas de forma estritamente utilitária, e de que a de Lévy-Bruhl baseava-se numa concepção emocional ou afetiva, Levi- Strauss, por sua vez, tenta demonstrar que o pensamento dos povos sem escrita é, por um lado, um pensamento desinteressado, e, por outro, um pensamento intelectual .

É um pensamento complexo como o pensamento dos povos “com escrita”. O “primitivo” é capaz de apaixonar-se e também de teorizar. É capaz de buscar o transe, como também de buscar soluções para os problemas comunitários, como faz Kopenawa. Piva, em sua obra, especialmente em sua fase xamânica, parece deixar isso bem claro, ainda que não intencionalmente, ou melhor dizendo, não panfletariamente. Uma leitura atenta, exhibe uma profunda defesa da humanidade indígena, como a defesa de Montaigne ao traduzir a “Canção da Serpente”:

Para que não se pense que tudo isto se faça por simples e servil obediência a seus hábitos e pela força de autoridade de seus antigos costumes, sem raciocínio e sem julgamento, e porque têm a alma tão estúpida que seja incapaz de fazer diferentemente, é preciso expor alguns traços de suas capacidades (suffisances). Além daquele que acabo de recitar de uma de suas canções guerreiras, tenho outra, amorosa, que começa assim: Serpente, pare; pare, serpente, a fim que minha irmã tire do modelo da tua pintura a forma e as cores de um rico colar para que eu possa ofertá-lo à minha amada: assim sejam tua beleza e tuas formas para sempre preferidas entre todas as outras serpentes. Estes primeiros versos são o refrão da canção. Ora, conheço bastante de poesia para julgar isto. Não só não há nada de bárbaro nesta criação quanto ela é perfeitamente anacreôntica. De resto, a língua deles é doce e tem sons agradáveis, próximos às terminações da língua grega. (MONTAIGNE, 1999, p. 213)

Movimentos Literários possuem uma plataforma. Propõem ou defendem uma poética. De modo mais ou menos explícitos, expressam uma visão de mundo. Piva parecia carregar consigo um movimento literário inteiro, um movimento de um homem só (ou de poucos amigos) no sentido de propor/defender uma poética,

mesmo que não tenha participado e/ou fundado grupos maiores e escolas⁴⁸. Dotado de uma pungente força política e ideológica (ainda que para minorias). Seu xamanismo, ao fim e a cabo, para além de tudo que já debatemos, postula-se como uma defesa da dignidade de novos povos originários enquanto humanos e não-humanos. Valorizando o que esses possuem de selvagem e de complexo, dispensando as análises do senso comum e do pensamento intelectual aliado ao progresso científico, Piva terminou por postular sua Vida e Obra ao lado dos que foram vencidos há 500 anos pelo processo civilizatório:

“O dia em que eu não estiver ao lado dos vencidos irei me perguntar: Onde foi que eu errei?” (PIVA, 2004)

⁴⁸ Eu sempre fui um franco-atirador. Por não ter me juntado a esse pessoal, à esquerda intelectual, eu fui boicotado durante anos. Porque eu não fazia parte da “tchurma”. O intelectual brasileiro entra em partido político pra lavar chão, pra ser devoto, quando na verdade devia entrar pra criticar, esculhambar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abra Os olhos & diga ah. São Paulo: Massao Ohno, 1976.

ALMEIDA, Miguel. Epifanias do erotismo sagrado. (Entrevista). Em: COHN, Sérgio (org.). Roberto Piva (Coleção Encontros). Rio de Janeiro: Azougue, 1993/2009. p. 109. Antologia Poética. Porto Alegre: LP&M, 1985.

Assombração Urbana – Roberto Piva. Produção de Valesca Dios. São Paulo: SP filmes / TV Cultura, 2004. (55 min.).

BERGER, J. Sobre o olhar. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2003

BLAKE, William. O matrimônio do céu e do inferno; O livro de Thel. (José Antônio Arantes, trad.) 4ªed. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 46.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELIADE, M. O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase. São Paulo: Martins Fontes, 2002

Estranhos sinais de Saturno. Obras Reunidas. v. 3. São Paulo: Globo, 2008.

EVOLA, Julius. Revolta contra o mundo moderno. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

FREYRE. “Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense”.1955.

GIORGETTI, Ugo. Uma outra cidade. Documentário em VHS. São Paulo: Produção SP Filmes, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e significado. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIPTON, Lawrence. A revolução erótica. São Paulo: IBRASA, 1965.

Mala na mão & asas pretas. Obras Reunidas. v. 2. São Paulo: Globo, 2006.

Mala na mão & asas pretas – obras reunidas volume II (organização Alcir Pécora). São Paulo: Globo, 1981/2006. pp. 92-117.

MATTOS, Ricardo Mendes. 50 anos de rebelião poética em Roberto Piva. Banda Lusófona, 2011.

MONTAIGNE, Michel de. Les Essais. Edition de Pierre Villey. Paris, Presses Universitaire de France, 1999.

MONTEIRO, Danilo; CESARINO, Pedro; COHN, Sergio. O renascimento do maravilhoso. (Entrevista). Em: COHN, Sérgio (org.). Roberto Piva (Coleção Encontros). Rio de Janeiro: Azougue, 2007/2009. p. 173.

NEVES, Ezequiel. Roberto Piva: um paulistano desvairado. (Entrevista). Em: COHN, Sérgio (org.). Roberto Piva (Coleção Encontros). Rio de Janeiro: Azougue, 1972/2009. pp. 18-27.

Paranoia. 2 ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

Paranóia. Em: PIVA, Roberto. Um estrangeiro na legião – obras reunidas volume I (organização Alcir Pécora). São Paulo: Globo, 1963/2005. pp. 26-73.

PIVA, Roberto. Ode a Fernando Pessoa. Em: PIVA, Roberto. Um estrangeiro na legião – obras reunidas volume I (organização Alcir Pécora). São Paulo: Globo, 1961/2005. p. 24-25.

PIVA, Roberto. Ode a Fernando Pessoa. Em: PIVA, Roberto. Um estrangeiro na legião – obras reunidas volume I (organização Alcir Pécora). São Paulo: Globo, 1961/2005. pp. 18-25.

PIVA, Roberto. poesia = xamanismo = técnicas arcaicas do êxtase. Em: COHN, Sérgio (org.). Roberto Piva (Coleção Encontros). Rio de Janeiro: Azougue, 1997/2009

Quizumba. São Paulo: Global, 1983. (Coleção navio pirata).

RIMBAUD, Arthur. Carta dita do Vidente. Em: _____. Rimbaud por ele mesmo. (Daniel Fresnot, trad.). São Paulo: Martin Claret, 1871/s.d. p. 109.

ROTHENBERG, Jerome. Pré-Face para um simpósio sobre Etnopoética. Em: _____. Etnopoesia do milênio (Sergio Cohn, org.; Luci Collin, trad.). Rio de Janeiro: Azougue, 1975/2006. p. 93.

SANTOS, Mercel de Lima. Jim Morrison, o poeta xamã. Editora UFMG, 2013.

Um estrangeiro na legião. Obras Reunidas. v. I. São Paulo: Globo, 2005.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Lisboa: Presença, 1990.

WEINTRAUB, Fábio. A poesia paranóica de Roberto Piva. In: Revista Cult, n. 34, ano III, maio de 2000. p. 6.

WEINTRAUB, Fabio. Conversa com Roberto Piva. (Entrevista). Em: COHN, Sérgio (org.). Roberto Piva (Coleção Encontros). Rio de Janeiro: Azougue, 2000/2009.

WILLER, Claudio. A poética de Roberto Piva. disponível em: <http://adiu.multiply.com/reviews/item/6> Acesso em 1 nov. 2009.

WILLER, Claudio. Geração Beat. São Paulo. L&M Pocket, 2009.

WILLER, Claudio. Uma introdução à leitura de Roberto Piva. Em: PIVA, Roberto. Um estrangeiro na legião – obras reunidas volume I (organização Alcir Pécora). São Paulo: Globo, 2005. p. 153.

